



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**EDMAIRA EDUARDO DA SILVA**

**A PROGRAMAÇÃO DOS CORPOS:  
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS ASPECTOS RELIGIOSOS E TOTALITÁRIOS  
PRESENTES EM O CONTO DA AIA**

**ARAGUAÍNA (TO)  
2019**

**EDMAIRA EDUARDO DA SILVA**

**A PROGRAMAÇÃO DOS CORPOS:  
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS ASPECTOS RELIGIOSOS E TOTALITÁRIOS  
PRESENTES EM O CONTO DA AIA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína, para a obtenção do título de Licenciatura em Letras, sob a orientação da Profa. Dr.<sup>a</sup> Luiza Helena Oliveira da Silva.

**ARAGUAÍNA (TO)  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586p Silva, Edmaira Eduardo da .  
A PROGRAMAÇÃO DOS CORPOS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS ASPECTOS RELIGIOSOS E TOTALITÁRIOS PRESENTES EM O CONTO DA AIA . / Edmaira Eduardo da Silva. – Araguaína, TO, 2019.  
61 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.  
Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva  
1. Discurso religioso. 2. Gênero . 3. Semiótica discursiva. 4. Regime da programação. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

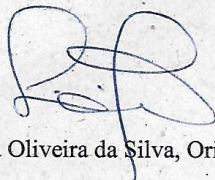
**EDMAIRA EDUARDO DA SILVA**

**A PROGRAMAÇÃO DOS CORPOS:  
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS ASPECTOS RELIGIOSOS E TOTALITÁRIOS  
PRESENTES EM O CONTO DA AIA**

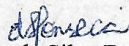
Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras para a obtenção do título de Licenciada em Letras e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 10/12/2019

Banca examinadora:



Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva, Orientadora, UFT



Profa. Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca, Banca examinadora, UFT



Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo, Banca examinadora, UFT

*A todas as mulheres.*

## AGRADECIMENTOS

Sempre sofri com o mal da insônia, sempre fui uma pessoa da madrugada e, desde criança que não durmo direito. Todo mundo sabe disso. Embora esse pequeno fato atrapalhe o meu desempenho matinal, com as noites acordadas, aprendi que a madrugada é o momento que paro para refletir sobre a vida e agora escrever TCC, diga-se de passagem.

Em uma dessas noites, parei para pensar na trajetória que percorri até a finalização deste trabalho (três períodos enrolada só com o TCC) e das pessoas que contribuíram direto ou indiretamente com a finalização desse ciclo e são a estas pessoas que devo todos os meus agradecimentos.

Agradeço, primeiramente, a minha mãe, Luzimar, que sempre me apoiou e esteve presente, que me ama incondicionalmente e que tem sido o meu suporte emocional e meu colo nos momentos difíceis e com quem espero compartilhar muitos momentos felizes. P.S. Nunca vi ninguém com o coração mais puro quanto o seu.

A meu pai, Edmilson, minha base, que igualmente se manteve presente e a quem eu devo agradecer por sermos tão parecidos e quem me ensinou, assim como minha mãe, a ser uma mulher honesta e sem preconceitos, que valoriza os estudos para “não repetir a lambança dos seus pais”. P.S. Adoro seus momentos de piadas.

A minha avó, Maria da Conceição, por sempre me apoiar, incondicionalmente, e por não medir esforços ao tirar dinheiro de onde não tinha para me ajudar com a faculdade todos esses anos e a quem serei eternamente grata por ter feito parte da minha construção desde a infância e por ter me ensinado a fazer café. Amo vocês imensamente.

Agradeço a minha amiga Anne, por sempre estar ao meu lado, nos momentos felizes e nos meus momentos mais difíceis. Sou grata pela paciência, pelos conselhos dados e por sempre poder contar com a senhora desde o primeiro período de Letras. Nessa graça são quase cinco anos de amizade, talvez mais ou menos, sou ruim com números, mas sei calcular exatamente o espaço que você ocupa no meu coração (momento para frase clichê).

Agradeço a minha amiga Alexia por ter conseguido em tão pouco tempo ter me feito desabafar e me sentir tão confortável a seu lado. Sou imensamente grata, pelas horas e horas de conversa sobre feminismo, séries, filmes e besteiras (nosso assunto favorito, aliás) e agradeço por ter segurado a barra quando eu desabei, nunca vou esquecer disso. P.S. Rosa, café e procrastinação.

Agradeço ao Bhryan por todos os anos de convivência e piadas ruins, por ter desconstruído a minha visão sobre a igreja com seus discursos “blasfêmicos”. Obrigado por

me apresentar a sétima arte, principalmente por me apresentar Quentin Tarantino e Alfred Hitchcock, e por ter feito eu me apaixonar por Game of Thrones e Breaking Bad. Agradeço por você ter achado que o livro *O conto da aia* seria “a minha cara”, realmente era. Muito do que sou hoje é por sua causa e você sabe disso (não se ache, otário).

Agradeço a meus amigos de trajetória: Andressa, Andréia, Débora, Felipe, Thais Almeida, Thais Helena e Jherlisson, pelas ótimas manhãs que passamos juntos, sinto falta daquelas manhãs e das conversas regadas a café.

Agradeço a meus amigos que o programa de apoio ao discente ingressante (PADI) proporcionou conhecer, Gabriel e Letícia, e pelos amigos que a Universidade Federal do Tocantins me proporcionou conhecer nesses anos, Rafaela, Vinicius e João Victor por todos os momentos que passamos conversando besteiras ou coisas sérias, a cada um de vocês sou imensamente grata. P.S. Não vão ter parágrafos exclusivos, por falta de tempo mesmo, mas não significa menos importância, amo cada um de vocês.

Agradeço imensamente a tia Lucilene, por todos os momentos que me acolheu em sua casa, inclusive, estou terminando este texto sentada na área, e por ter me proporcionado conhecer os agregados (Roberta, Walmor Jr.(Freguês), Geraldo, Jacó, Luana, Marcelo) e poder me tornar uma também. Muito obrigada.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras, por todo o conhecimento compartilhado. A vocês todo o meu reconhecimento e admiração.

Agradeço a professora Maria Eleuda de Carvalho, que tanto me ajudou a acreditar em mim, na minha escrita e por sempre proporcionar em suas aulas de literatura experiências de vida. Graças a você mantenho o meu amor por literatura brasileira e uma queda bem grande pela literatura modernista. Obrigada pelas orientações e os almoços maravilhosos.

Agradeço a professora Vilma Nunes da Silva Fonseca, por todas as oportunidades, principalmente, a de participar do PADI, por três anos consecutivos, já posso pedir música no fantástico. Sou muito grata.

Agradeço a minha orientadora Luiza Helena Oliveira da Silva, por ter aceitado me orientar e por me fazer gostar um pouco mais da semiótica, mesmo eu amando literatura. Se um dia me tornar um pouco da profissional que você é, estarei realizada. Sem você a finalização desde TCC seria impossível.

Por fim, agradeço a banca examinadora, Márcio Araujo de Melo e Vilma Nunes da Silva Fonseca, por aceitarem fazer parte do crescimento desse trabalho de conclusão de curso com suas contribuições. Muito obrigada.

Há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza - quadros, esculturas, cartazes que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade.

Michelle Perrot, *Os silêncios do corpo da mulher*



## RESUMO

Nesta pesquisa analisamos o romance distópico *O Conto da aia*, publicado originariamente em inglês em 1985, da escritora canadense Margaret Atwood. A narrativa se desenvolve num futuro próximo no lugar fictício denominado como República de Gilead. Gilead é descrita pela narradora, personagem central do conto, como Estado totalitário, teocrático e patriarcal que, após um ataque ao congresso e o assassinato do presidente dos Estados Unidos da América, instaura um governo liderado por fanáticos religiosos. Ao assumirem o poder, estes se valem de passagens das escrituras do Antigo Testamento para justificar o controle dos corpos femininos e condenar à morte todos os que pretendem escapar à dominação. O objetivo do trabalho é refletir a respeito da transformação de uma sociedade democrática em uma sociedade totalitária e identificar os fundamentos do discurso de natureza religiosa que substanciam o controle social sobre as mulheres na narrativa. Para a análise, recorremos aos subsídios da semiótica discursiva, com a atualização do conceito de programação sugerido por Eric Landowski na obra *Interações arriscadas*. Acreditamos que esse regime de interação nos auxilia a compreender a forma como os corpos femininos são controlados mediante a imposição ideológica. Este é um estudo de abordagem qualitativa, no qual foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica e análise literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso religioso; Gênero; Sociedade autoritária; Semiótica discursiva; Regime da programação.

## ABSTRACT

In this research we analyze the dystopic romance *The Handmaid's Tale*, originally published in English in 1985, written by Canadian writer Margaret Atwood. The narrative is set in a near future, on a fictional place known as the Republic of Gilead. Gilead is described by the narrator, the tale's main character, as a totalitarian, theocratic and patriarchal State that, after an attack to the congress and the assassination of the president of the United States of America, establishes a government led by religious fanatics. After seizing power, they betake passages from the Old Testament scriptures to justify their control over female bodies and condemn to death all who intend to scape domination. The objective of this work is to reflect upon the transformation of a democratic society into a totalitarian society and to identify the fundamentals of the religious natured discourse that substantiates the social control over women in the narrative. For the analysis, we resort to the subsidies of discursive semiotics, with the update of the programming concept suggested by Eric Landowski in the book *Interações arriscadas* [*Risky interactions*]. We believe this interaction regime helps us comprehend the way female bodies are controlled upon the imposition of ideology. This is study of qualitative approach, in which was utilized was the bibliographical research method and literature analysis.

**KEY-WORDS:** Religious speech; Gender; Authoritarian society; Religious speech; Discursive semiotic; Programming regime.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Quadrado semiótico.....	38
Figura 2- Regimes de Interação.....	40

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Categorização dos homens.....	45
Tabela 2- Categorização das mulheres.....	45

## LISTA DE SIGLAS

FC	Ficção científica
FE	Ficção especulativa
USA	Estados Unidos da América

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 O CONTO DA AIA OU EIS AQUI MINHA SERVA, BILHA</b> .....	17
<b>2.1 Uma breve apresentação: Margaret Atwood, Ficção especulativa e distopia</b> .....	26
<b>2.1.1 Ficção científica ou especulativa?</b> .....	26
<b>2.1.2 Distopia real</b> .....	29
<b>2.2 Foco narrativo e linguagem</b> .....	30
<b>3 SOB A OPRESSÃO</b> .....	36
<b>3.1 Semiótica e sociosemiótica</b> .....	36
<b>3.2 Da manipulação à programação</b> .....	41
<b>3.3 Totalitarismo e programação</b> .....	43
<b>4 “E DA COSTELA QUE O SENHOR DEUS TOMOU DO HOMEM FORMOU UMA MULHER”</b> .....	48
<b>4.1 A dessecularização da religião</b> .....	48
<b>4.2 Aspectos religiosos presentes em <i>O conto da aia</i></b> .....	49
<b>4.3 Nolite te bastardes carborundorum</b> .....	54
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58

## 1 INTRODUÇÃO

“Deus acima de todos e Brasil acima de tudo”; “O erro da ditadura foi torturar e não matar”; “Somos um país cristão”; “Não existe essa historinha de estado laico não, o Estado é cristão”. Esses e outros enunciados de teor semelhante marcaram o período de eleições no Brasil e continuam fazendo parte do cenário político brasileiro após a jurisdição do então presidente Jair Messias Bolsonaro<sup>1</sup>. Conseqüentemente, os discursos relacionados à volta da ditadura, perda de liberdades individuais, especificamente os direitos das mulheres, supervalorização dos valores cristãos parecem estar em ascensão e demonstrados como virtudes que devem ser retomadas para instaurar uma nova ordem social, tornando a ideia de um governo totalitário cada vez mais próximo da realidade.

Essa orientação que tem como base o conservadorismo supostamente se ancora em passagens da Bíblia Sagrada e seus princípios. A partir de um certo viés de leitura das passagens desse livro, constrói-se um lugar de poder para o homem, submetendo a mulher. Dentro das narrativas bíblicas, o discurso falocêntrico e patriarcal é demonstrado desde o primeiro livro de Gênesis<sup>2</sup>, aludindo sobre criação do mundo e do primeiro homem, criado à imagem de Deus e a mulher gerada em um segundo momento e em circunstância inferior, a partir da costela do homem apenas para servi-lo.

Nesse sentido, o romance distópico *O conto da aia*, da escritora canadense Margaret Atwood, escrito em 1985, aproxima sua narrativa dos discursos contemporâneos em que o processo de dessecularização da religião passa a afetar e ganhar influência nas várias esferas da vida social, como a política, por exemplo.

O romance é narrado em primeira pessoa por Offred, uma aia, que descreve todo o funcionamento cristão e totalitário que permeia o seu cotidiano na República de Gilead, anteriormente Estados Unidos da América. Sem marcação temporal precisa, identificando os anos em que os acontecimentos ocorrem, o romance parece remeter a um futuro próximo.

Nessa nova organização social de base totalitária e patriarcal não muito diferente da configuração contemporânea, homens e mulheres foram dispostos de acordo com a classe social, gênero, funções na sociedade e caracterizados a partir de cores de vestimentas.

A partir da identificação de elementos dessa narrativa que aproximam o cenário do romance a questões que perpassam a sociedade brasileira atual, selecionamos esse romance

---

<sup>1</sup> Retiradas da reportagem “Bolsonaro em 25 frases polêmicas” do jornal Carta Capital: Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em 26.11.2019.

<sup>2</sup> Gênesis 2: 18-24

como objeto de análise. O presente estudo caracteriza-se como de abordagem qualitativa, utilizando o método de pesquisa bibliográfica e análise literária, ancorada nos estudos da sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014). Como objetivo geral, visamos refletir a respeito da narrativa da transformação de uma sociedade democrática para uma sociedade totalitária e identificar os fundamentos do discurso de natureza religiosa que substanciam a sociedade autoritária.

Fundamentamo-nos, sobretudo, nos estudos de gênero (SAFFIOTI, 2004; BEAUVOIR, 1970; RÜSCHE, 2015), na semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008; FIORIN, 1998, 1999; BARROS, 2003, 2005) e sua vertente sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014, 2014a).

O trabalho é composto por três capítulos. O primeiro, intitulado “O conto da aia ou Eis aqui minha serva, Bilha”, discute e apresenta o enredo e aspectos gerais relacionados ao romance em análise. O segundo intitula-se “Sob a opressão”, em que trazemos inicialmente reflexões sobre a teoria semiótica e os regimes de manipulação e programação que orientam as análises subsequentes. No último, intitulado “E da costela que Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher”, no qual abordamos as questões de gênero e religiosidade, relacionando-as ao romance.



## 2 O CONTO DA AIA OU EIS AQUI MINHA SERVA, BILHA

<sup>1</sup>*Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacob  
teve Raquel inveja de sua irmã, e disse a Jacob:  
Dá-me filhos, ou senão eu morro.*

<sup>2</sup>*Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse:  
Estou eu no lugar de Deus, que te impediu  
o fruto de teu ventre?*

<sup>3</sup>*E ela lhe disse: **Eis aqui minha serva, Bilha;**  
Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos,  
e eu, assim, receba filhos por ela.  
-Gênesis 30:1-3*

Neste capítulo, apresentamos os elementos principais referentes ao enredo e à linguagem do romance *O Conto da aia*, evidenciando uma breve apresentação da escritora Margaret Atwood, sua caracterização como ficção especulativa e, ainda, a proximidade entre as distopias literárias e a contemporaneidade.

O romance distópico da escritora canadense Margaret Eleanor Atwood, *O conto da aia* ou em título original *The Handmaid's Tale*, trata-se de uma obra de ficção especulativa como a própria autora o classifica, publicada em 1985, cenário em que aia Offred, narradora e personagem principal, em um futuro próximo, descreve o funcionamento cristão e totalitário da República de Gilead, que se edifica a partir de uma crise nos Estados Unidos da América advinda de catástrofes ambientais, infertilidade da população e ascensão de um governo despótico.

Em linhas gerais, Gilead surge após um ataque ao Congresso americano com o assassinato do presidente por um grupo liderado por fanáticos religiosos que instauram um novo governo baseado nos princípios puritanos do século XVII. Ao assumirem o poder, estes se valem de passagens das escrituras do Antigo Testamento para justificarem o controle dos corpos e condenar à morte todos os que pretendem escapar à dominação, transformando, assim, uma democracia liberal em uma ditadura teocrática e totalitária.

Nessa nova organização social, com traços presentes da sociedade contemporânea a partir do recrudescimento de ideário totalitário, mulheres e homens são categorizados em função de rígidos papéis sociais. Nessa configuração, os homens passam a deter todo poder dentro de Gilead, enquanto as mulheres passam a desempenhar os papéis que seriam “naturalmente” atribuídos a elas: esposas, donas de casa e mães, reforçando o estereótipo de

feminilidade e do corpo feminino ligado “à esfera doméstica, ao privado, à virtude” (PEDRO, 2003, p.158).

Sob essa perspectiva, homens e mulheres foram divididos hierarquicamente em categorias e cores de acordo com a posição social e a função que desempenham em Gilead. Os homens ocupam os cargos mais altos de comando subdivididos, respectivamente, em *Comandante dos fiéis* (governantes), *Anjos* (soldados), *Guardiões da fé* (fazem a patrulha de rotina) e *Olhos ocultos* (espões do governo), enquanto as mulheres são subdivididas, hierarquicamente, em *Tias* (religiosas responsáveis pela doutrinação das aias), *Esposas* (mulheres estéreis da alta sociedade), *Econoesposas* (esposas dos homens pobres), *Marthas* (empregadas domésticas), *Aias* (reprodutoras), *Não-mulheres* (lésbicas, feministas ou mulheres que por não se sujeitarem as novas normas sociais são enviadas para as colônias, lugar em que a radiação é fatal) e *Jezebéis* (prostitutas não assumidas publicamente como existentes).

A narradora, a aia Offred, na primeira parte do livro, em meio a lembranças do passado confrontadas com o tempo presente (o da enunciação) principia a apresentar de forma fragmentada o cotidiano do novo posto. Diante das memórias, descreve o *Centro Raquel e Lea*, antes um ginásio esportivo, que se transformou em um recinto patrulhado de preparação para mulheres férteis:

Nós dormíamos no que antes havia sido o ginásio esportivo. [...] enquanto tentávamos dormir, nos catres, do exército que haviam sido dispostos em fileiras, espaçados de modo que não pudéssemos conversar. Tínhamos cobertas, lençóis de flanela de algodão, como as de crianças, e cobertores padrão fabricados para o exército, dos antigos que ainda diziam U.S. Dobrávamos nossas roupas cuidadosamente e as colocávamos sobre os banquinhos aos pés das camas. As luzes eram diminuídas, mas não apagadas. Tia Sara e Tia Elizabeth patrulhavam; tinha agulhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras de seus cintos de couro. Não tinham armas de fogo, porém, nem mesmo elas mereciam confiança para portar armas de fogo. As armas eram para os guardas [...]. Eles não tinham permissão para entrar no prédio exceto quando eram chamados, e não tínhamos permissão para sair, exceto para caminhadas, duas vezes por dia, duas a duas, ao redor do campo de futebol que agora estava cercado por uma cerca reforçada de malha metálica com rolos de arame farpado no alto. (ATWOOD, 2017, p 11-12)

O *Centro Raquel e Lea* ou *Centro vermelho* representa a transição de um governo democrático para uma ditadura. Neste centro de treinamento, todas as mulheres férteis eram mantidas sob vigilância de Guardas e Tias “sem permissão para sair, exceto por caminhadas, duas a duas, ao redor do campo de futebol que agora estava cercada por uma cerca reforçada de malha metálica com rolos de arame farpado no alto” (ATWOOD, 2007, p. 12), para que pudessem aprender a sua nova função dentro de Gilead: aias, responsáveis pela reprodução.

Na caracterização apresentada nesse momento da narrativa evidencia-se o controle e a ameaça de punição, como estratégias de dominação desse grupo específico de mulheres.

No capítulo, *Compras*, Offred descreve seu pequeno quarto no seu terceiro posto, residência de Fred e Serena Joy, caracterizando cada objeto, a predominância da cor branca, a janela bloqueada parcialmente, a falta de objetos considerados perigosos como espelho, vidro, esclarecendo que cada detalhe no quarto foi pensado pelo governo para remeter ao retorno dos valores tradicionais e como um meio de evitar suicídios. Como a própria Offred analisa, “fugas que você pode abrir em si mesma, se tiver um instrumento cortante” (ATWOOD, 2017, p. 16).

O sino que mede o tempo toca e a aia encaminha-se para a cozinha onde encontra a *Martha* Rita que entrega a ela um talão de vales de alimentos, há um momento de divagação e Offred rememora uma conversa que escutou entre Rita e Cora, em que a Martha afirma que nunca se rebaixaria daquela maneira (referindo-se a Offred por ter se sujeitado a função de aia), alegando que ela teria a “escolha” de ir para as Colônias, lugar em que a radiação é fatal e que as *Não-mulheres* são mandadas para trabalhos forçados.

Ressaltamos aqui, que as informações entre passado e presente não aparecem de forma linear durante a narrativa e são apresentadas de forma fragmentada conduzida pelo fluxo da consciência da personagem principal com a junção de pensamentos, monólogos, lembranças do passado e cotidiano do tempo presente.

Retornando à realidade, Offred pega os vales de alimentos da mão de Rita: “Os vales têm diferentes ilustrações, das coisas pelas quais podem ser trocadas: doze ovos, um pedaço de queijo, uma coisa marrom que deveria ser um bife” (ATWOOD, 2017, p. 20) e sai para fazer compras, única atividade em que as aias são autorizadas e só podem sair em pares, assim como no Centro vermelho.

A aia sai da residência e ao passar pelo jardim, domínio da esposa do comandante, relembra a primeira vez que a viu, cerca de cinco semanas, e relata toda a relação de vergonha e necessidade que existe entre Aias e Esposas.

Ainda no jardim, Offred apresenta o guardião Nick e em seguida ao sair portão a fora espera a sua companheira de caminhada Ofglen, e seguem rumo às barreiras de controle. Nesse ponto, a aia descreve a forma como esse sistema de segurança funciona, “quando as camionetes pretas chegam a um posto de controle, são recebidas com acenos para passar direto sem nenhuma pausa” (ATWOOD, 2017, p. 33), pois são os carros utilizados pelos comandantes dos fiéis, eles possuem qualquer e toda autoridade dentro dos limites de Gilead, contudo, quando se trata das classes das *Marthas* e *Aias* precisam apresentar um passe que é

inspecionado e carimbado para ganhar autorização para sair das áreas reservadas aos comandantes.

Assim como qualquer outra sociedade, Gilead por mais que adote um sistema de segurança extremamente rígido não está absorvido de falta de preparo e de erros que podem tirar a vida das classes consideradas minorias.

Na semana passada mataram a tiros uma mulher, bem aqui. Era uma Martha. Estava remexendo em sua túnica em busca do passe, e pensaram que estivesse apanhando uma bomba. Pensaram que fosse um homem disfarçado. Já houve incidentes desse tipo. Rita e Cora conheciam a mulher. Eu as ouvi falando sobre o ocorrido, na cozinha. Estavam fazendo seu trabalho, disse Cora. Mantendo-nos seguras. Nada é mais seguro que a morte, retrucou Rita, em tom zangado. Ela estava apenas cuidando de suas obrigações. Não havia necessidade de matá-la. Foi um acidente, disse Cora. Acidentes não existem. Tudo acontece intencionalmente. Eu podia ouvi-la batendo as panelas umas nas outras, na pia. (ATWOOD, 2017, p.31)

Ao caminhar com sua companheira rumo ao supermercado, relembra do “tempo de antes”, quando costumava passear com seu marido Luke e de como possuía liberdade para ir e vir, de usar qualquer tipo de roupa e a falta de segurança que as mulheres também estavam expostas e voltando ao tempo presente apresenta uma realidade completamente diferente.

A República de Gilead além de controlar os corpos femininos e categorizar as funções entre homens e mulheres, controlam a leitura, a escrita e a comunicação entre os sujeitos presentes na narrativa. Em Gilead não existem mais escolas, universidades, bibliotecas, conseqüentemente, não existe escrita e todos os livros, revistas, jornais, ou qualquer objeto que possuísse palavras foram queimados, restando apenas a Bíblia Sagrada, considerada como a nova Constituição, e esta fica em posse do comandante, sendo as mulheres proibidas de executar a ação de ler ou de escrever.

Ao saírem do supermercado, um quarteirão depois, resolvem ir pelo caminho mais longo, e nos apresenta uma Gilead hipócrita em que adota e preserva os costumes cristãos, mas que ignoram a igreja, que agora é usada apenas como museu e apresenta o muro do “Salvamento” em que os considerados criminosos são expostos depois de mortos para servirem de exemplo.

No capítulo, *Sala de espera*, o guardião Nick a cumprimenta o que é considerado proibido e o que seria a primeira tentativa de aproximação entre os dois. Depois ao ver Serena Joy, relembra que a figura da esposa antes de Gilead, chamava-se Pam e discursava sobre “a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa” (ATWOOD, 2017, p. 58) e relembra dos ensinamentos do Centro Vermelho em que Tia Lydia afirmava que as aias

precisavam pensar no lado das esposas, afinal elas eram mulheres “derrotadas por não conseguirem engravidar”.

Ao entrar na residência entrega as compras para Rita e se direciona ao seu quarto e encontra o comandante parado no corredor o que também é proibido, o contato dos maridos com as aias só podem acontecer no dia da cerimônia e com a presença das esposas.

As aias são propriedade dos comandantes, o próprio nome “Offred” deriva do termo em inglês “Of” que significa “de” e de Fred, nome do comandante, ou seja, literalmente significa “de Fred”. Embora sejam propriedades dos comandantes, o contato entre eles acontecem apenas nas cerimônias, seguindo a passagem bíblica em que Raquel entrega sua serva Bilha para que ela pudesse gerar filhos com Jacó. Nesse sentido, assim como a passagem bíblica, os comandantes e as aias a cada período fértil, passam por uma espécie de ritual em que as aias são exploradas sexualmente.

No quarto, rememora o tempo em que tinha um caso com seu marido Luke e dos encontros que aconteciam em motéis e das incertezas que pairava sobre sua cabeça na época, e a falta que sentia das decorações do quartos.

Começou então a explorar o seu próprio quarto, dividindo-o em seções a serem exploradas a cada dia. No terceiro dia, explora o armário e encontra a frase “*nolite te bastardes carborundorum*” que imaginava ser uma mensagem secreta deixada pela antiga aia.

Como se encontra no verão, a aia comenta como as roupas são quentes e relembra o *Centro vermelho* em que as Tias no momento de doutrinação caracterizavam os costumes de antes como deploráveis e que naquela época as mulheres usavam roupas curtas e que o tamanho das roupas eram os responsáveis pelos estupros que aconteciam.

Narra o dia em que foi ao médico e na sala de espera analisa e julga as outras mulheres questionando se alguma havia tido a sorte de engravidar. Ao entrar no consultório e ser atendida o médico diz aos sussurros que pode ajudá-la e revela que a maioria dos homens estão estéreis, palavras proibidas na lei de Gilead, um homem estéril não existe oficialmente, apenas existem mulheres fecundas e mulheres que são estéreis. Offred nega a ajuda, por medo da penalidade.

As aias são obrigadas a fazerem exames de rotinas e exercícios físicos, como a caminhada, para manter a saúde em bom estado e o corpo pronto para receber uma nova vida. Retomando a casa, narra o momento do banho que agora é um privilégio e também uma exigência e descreve como o seu corpo lhe parece estranho e da vergonha que sente por seu corpo a determinar.

Minha nudez já é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. Será que realmente usei roupas de banho, na praia? Usei, sem pensar entre homens, sem me importar que minhas pernas, meus braços, minhas coxas e costas estivessem à mostra, pudessem ser vistas. Vergonhoso, *impudico*. Evito olhar para baixo, para meu corpo, não tanto porque seja vergonhoso ou impudico, mas porque não quero vê-lo. Não quero olhar para alguma coisa que me determine tão completamente. (ATWOOD, 2017, p.78)

No capítulo, intitulado *Cochilo*, fala sobre o tédio de não fazer nada, relembra dos ensinamentos no Centro vermelho em que eram obrigadas a descansar ou como a *Tia Lydia* costumava dizer “tirar um cochilo de uma hora entre as duas e a quatro horas” e do dia em que Moira, sua melhor amiga, chegou ao centro e do momento do “testemunho” em que a personagem Janine conta que foi abusada por um grupo de garotos quando tinha quatorze anos e as *Tias* obrigam as aias a repetir que a culpa foi da vítima.

Mas de quem foi a culpa? Diz tia Helena , levantando um dedo roliço  
 Dela, foi dela, foi dela entoamos em uníssonos.  
 Quem os seduziu? Tia helena sorri radiante, satisfeita conosco.  
 Ela seduziu. Ela seduziu. Ela seduziu.  
 Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?  
 Para lhe ensinar uma lição. Para lhe ensinar uma lição. Para lhe ensinar uma lição.  
 (ATWOOD, 2017, p.88)

Em *Pertences da casa*, a aia desce para a sala de estar para aguardar a cerimônia. Enquanto espera, informa que pode apenas nessas noites assistir aos telejornais (programados apenas com notícias positivas) e como uma válvula de escape, relembra do momento em que estava saindo de casa para tentar fugir com o marido e a filha.

O ritual de leitura da Bíblia se inicia e descreve o ritual da cerimônia.

Deito-me de barriga para cima, completamente vestida, exceto pelos amplos calções de algodão [...] Acima de mim, em direção à cabeceira serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre sua barriga, seu osso púbico sob a base de meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida. Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas nas dela. [...] Minha saia é puxada para cima até a minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior do meu corpo. (ATWOOD, 2017, p.114-115)

Ao retornar para o quarto, Nick a encontra na sala de visita e informa que o comandante a quer ver no dia seguinte, e em seguida, no quarto, imagina o que poderia ter acontecido com o marido Luke.

Em “*Dia do nascimento*”, Offred na casa do comandante Warren, apresenta o ritual para o dia do nascimento do filho de Janine e relembra o momento que as *Tias* passavam um

vídeo sobre as *não-mulheres*, campanha anti-pornografia e maior segurança contra agressões sexuais (feminismo de 1984), em que colocavam uma tarja preta no título.

Nesse momento, a mãe de Offred aparece no vídeo, e relembra de quando conversavam, e de como a convivência não era fácil, pois a mãe queria que ela seguisse os mesmos passos na luta feminista e colocava muitas expectativas sobre ela. De volta à casa do comandante Warren, a aia descreve o ritual para o nascimento.

A esposa entra no quarto e sobe rápido no banco de Dar a luz, senta-se no assento atrás e acima de Janine, de forma que Janine fica emoldurada por ela: as pernas magras descem pelos dois lados, como os braços de uma cadeira excêntrica. (ATWOOD, 2017, p.153)

Em casa, relembra de quando Moira fugiu e nunca mais regressou e ao anoitecer vai de encontro ao gabinete de Fred, em que as mulheres da casa são proibidas de frequentar. No gabinete, é apresentada a todas as proibições presentes em Gilead, relacionadas à escrita e leitura, revistas, livros, jogos de palavras. A partir desse primeiro encontro, inicia-se um relacionamento ilegal entre os dois.

Ao amanhecer, caminha com Ofglen e, após uma tentativa da companheira, começam a se sentir confortáveis uma com a outra e começam a falar abertamente.

- Pensei que você fosse uma verdadeira crente- diz Ofglen.  
 - E eu pensei que você fosse-digo.  
 - Você era sempre tão insuportavelmente devota.  
 -Você também – respondo. Tenho vontade de rir, gritar, abraça-la.  
 - Você pode se juntar a nós- diz ela.  
 -Nós?-digo. Então existem outras, existe um nós. Eu sabia.  
 -Você não imaginou que eu fosse a única – diz ela.  
 (ATWOOD, 2017, p.202.)

Em *A casa de Jezebel*, conhece através de Ofglen o movimento de resistência “*Mayday*” e ao retornar para casa, a esposa Serena Joy faz uma proposta, em que Offred teria que dormir com Nick, para que pudesse engravidar e em troca Serena mostraria uma foto de sua filha e ela aceita.

Ao caminhar com a companheira, entram em um prédio moderno com uma imensa bandeira com a frase “Rezavagância de mulheres hoje”, apresentando as cerimônias de casamentos coletivos lideradas pelos comandantes dos fiéis.

Os Vinte anjos entram, recém-chegados das frentes de combate, recém-condecorados, acompanhados de sua guarda de honra, marchando um-dois, um-dois, para o espaço central aberto. Sentido! Descansar! E agora as vinte filhas de branco, envoltas em véus brancos, avançam timidamente, com as mães segurando-as pelos cotovelos. [...] As rezavagância de mulheres são para casamentos coletivos como este, em geral. As dos homens são para vitórias militares.

(ATWOOD, 2017, p. 259-261)

O comandante continua com o discurso:

-Ordeno que as mulheres se adornem com vestes modestas-diz ele-, com pudor e sobriedade; sem cabelos trançados ou ouro, ou pérolas ou vestimentas caras.  
 “Mas (conforme são apropriadas às mulheres que professam a meiguices) com boas obras.  
 “Que a mulher aprenda em silêncio com toda sujeição”. Aqui ele olha pra nós,-  
 Toda-repete ele.  
 “Mas não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas que se mantenha em silêncio.  
 “pois primeiro Deus criou Adão, depois Eva.  
 “E adão não foi enganado, mas a mulher ao ser enganada cometeu a transgressão.  
 “não obstante isso ela será salva pela concepção, se continuar na fé e caridade e santidade com sobriedade.” (ATWOOD, 2017, p.262).

Em casa, Serena Joy leva a foto que prometeu a Offred e, ao anoitecer, o comandante a leva para conhecer um clube, mas para isso precisa usar uma roupa de Serena Joy, para poder passar disfarçada pelas barreiras de controle e ainda Fred mostra a aia roupas e maquiagens que agora são proibidas. Ao chegar ao Clube, Casa de Jezebel, encontra Moira sua amiga que lhe explica como aconteceu a fuga e fala sobre a prostituição. O comandante e Offred se relacionam pela primeira vez sem a presença da esposa e sem a vontade da aia.

Finja, berro para mim mesma dentro de minha cabeça. Você deve se lembrar como. Vamos acabar com isso, senão você ficará aqui a noite toda. Movimente-se. Mexa esta sua carne um pouco, respire de maneira audível. É o mínimo que você pode fazer. (ATWOOD, 2017, p. 303).

No capítulo *Noite*, Nick e Offred se relacionam pela primeira vez e seria o início do também relacionamento secreto e proibido entre os dois.

Apresenta o “Salvamento”, e depois o momento concedido às aias em que apresenta um homem acusado de estuprar uma aia grávida e que ocasionou a morte do feto. A pena para estupro, Deuterônimo (22:23-29), é a morte, as aias o agrirem até a morte, mas antes Ofglen o deixa inconsciente porque ele era um membro do grupo de resistência.

Na manhã seguinte ao Salvamento, à espera de Ofglen percebe que ela foi substituída por outra aia, vão até o muro e veem as três mulheres que foram mortas, penduradas e procura saber o que aconteceu com a antiga Ofglen.

-Só a conheci em maio- digo. - quero dizer a antiga.  
 - Ah? Diz ela. O fato de ela ter dito qualquer coisa, por mais que tenha sido cautelosa, me encoraja.  
 -Só a conheci em maio. -digo. Posso sentir minha pele ficando quente, meu coração se acelerando. Isso é perigoso. Para começar é uma mentira. E como passar para a próxima palavra vital?-por volta de primeiro de maio, acho q foi isso. O dia que costumavam chamar de dia de maio, Mayday.



-costumavam? –diz ela, o tom leve, indiferente, ameaçador. - Esse não é um termo que me lembre. Estou surpreendida que você se lembre. Deveria fazer um esforço...  
-Ela faz uma pausa.- para livrar sua mente desses..-Ela faz mais uma pausa .-Ecos.  
Agora sinto frio, infiltrando-se sobre minha pele como água. O que ela está fazendo é me advertir. (ATWOOD, 2017, p. 335)

Offred fica aterrorizada imaginando o que poderia acontecer no caminho de volta para casa e na esquina ao se despedirem a nova Ofglen revela que a antiga se enforcou depois do salvamento, porque viu a camionete dos olhos ocultos indo buscá-la. Tomada pelo medo Offred revela:

Sei que isso não pode estar certo, mas penso de qualquer maneira. Tudo que me ensinaram no centro vermelho , tudo a que resisti , flui para dentro de mim numa torrente. Não quero dor. Não quero ser uma dançarina com os pés no ar, minha cabeça um retângulo sem rosto de pano branco. Não quero ser uma boneca dependurada no muro, não quero ser uma anjo sem asas. Quero continuar vivendo, de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente, para submetê-lo ao uso dos outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta. Sinto pela primeira vez, o verdadeiro poder deles. (ATWOOD, 2017, p.338)

Ao chegar na frente da casa, Serena Joy a espera com a sua capa de inverno melada de batom, usada como provas da relação entre Offred e o Comandante.

No capítulo *Noite*, quando o romance está próximo ao fim, Offred está sendo levada pelos *Olhos ocultos* e antes de ser colocada na camionete, Nick diz a ela que os homens fazem parte da resistência *Mayday* e que Offred deve confiar nele. O conto de Offred termina com final incerto, ela não sabe se será o início de uma nova história ou o seu fim.

A segunda parte do livro é composta por um epílogo intitulado *Notas históricas*, que se passa no ano de 2195, após a queda da República de Gilead. Os relatos de Offred são caracterizados e relidos pelo palestrante do simpósio James Darcy Pieixoto e seu colega, o professor Knotly Wade, que encontraram a história de Offred gravada em trinta fitas cassetes. Eles transcreveram as fitas, chamando-as coletivamente de "O conto da aia" em que discute a impossibilidade de provar a autenticidade das fitas.

## 2.1 Uma breve apresentação: Margaret Atwood, ficção especulativa e as distopias

Neste tópico, apresentamos uma breve biografia da escritora Margaret Atwood<sup>3</sup> e as nuances que a própria autora traz ao apontar as definições e categorização de sua obra como ficção especulativa e não como ficção científica

---

<sup>3</sup> Utilizamos como base para essa biografia de Margaret Atwood, o site oficial da escritora. Disponível em: <http://margaretatwood.ca/>. Acesso em 10 jul. 2019.

Margaret Eleanor Atwood é uma escritora canadense, poeta, romancista, crítica literária, ensaísta e ativista ambiental que nasceu em Ottawa, capital do Canadá, em 18 de novembro de 1939 e cresceu no norte de Ontário, Quebec e em Toronto. Em sua juventude, estudou no Victoria College, obtendo posteriormente o título de mestre em estudos literários em Radcliffe College.

De acordo com o site oficial da escritora, Atwood é autora de mais de quarenta livros de ficção, poesia e ensaios críticos. Seu último livro de contos é *Stone Mattress: Nine tales* (2014). Durante sua carreira, entre o período de 1960 a 2019, acumulou grandes prêmios literários, como *Arthur C. Clark Awards*, *Man Booker Prize* (*O assassino cego*, 2000) e o *Príncipe de Astúrias* pelo conjunto de sua obra (2008). Dentre suas obras, inclui-se *Alias Grace*, que teve, recentemente, seus direitos vendidos para a plataforma de streaming *Netflix*. *The Handmaid's Tale* (O Conto da aia) também tornou-se série de TV produzida pela MGM e exibida pelo serviço de streaming *Hulu*, ganhando o *Emmy* de melhor série.

Antes de tornar-se série conhecida mundialmente, *The Handmaid's Tale* assumiu várias formas, sendo traduzida para mais de quarenta idiomas, transformando-se em filme em 1990, “*Die Geschichte der Dienerin*”<sup>4</sup>, dirigido Volker Schlöndorff. Foi ainda adaptado para ópera em 2000 e, em 2019, tornou-se uma novela gráfica. A sequência da narrativa do romance, *The Testaments* (2019), se passa quinze anos após os acontecimentos do primeiro livro.

Atwood também foi presidente da *União dos Escritores do Canadá*, entre maio de 1981 a maio de 1982, e da *PEN International* entre 1984 a 1986. Atualmente, a escritora vive em Toronto, no Canadá com o marido Graeme Gibson e carrega em sua trajetória obras que instigam e provocam o leitor a refletir sobre direitos civis e relações de poder desiguais entre homens e mulheres, que são cada vez mais necessários considerando o cenário político mundial.

### 2.1.1 Ficção científica ou especulativa?

O romance *O conto da aia* está inserido em uma vertente que a própria autora classifica como “ficção especulativa” (FE), alegando que, em obras de ficção científica, doravante FC, como de H.G. Wells são apresentados elementos não reais, enquanto que em seu enredo esses elementos não aparecem. Explica a autora:

---

<sup>4</sup> Em tradução livre “A decadência de uma espécie”.

O que eu quero dizer por “ficção científica” são aqueles livros que descendem dos Marcianos sugadores de sangue atirados a Terra em cilindros metálicos de H.G. Wells – coisas que não poderiam acontecer – enquanto para mim, “ficção especulativa” significa enredos que descendem dos livros de Júlio Verne sobre submarinos e viagem a balão e coisas do tipo – coisas que realmente poderiam acontecer, mas ainda não tinham acontecido completamente quando os autores escreveram os livros. Eu colocaria meus próprios livros nessa segunda categoria: sem Marcianos. (ATWOOD, 2011, p. 6)<sup>5</sup>

Nesse ponto, Atwood apresenta a ficção especulativa como um gênero que abrange a ficção que “especula” sobre mundos distópicos ou utópicos. Nesse caso, trata-se de uma distopia, em que eventos reais e cotidianos são levados a suas conclusões lógicas e que realmente poderiam acontecer em um futuro próximo, dados os elementos já existentes no presente e que se tornariam mais agudos, extremados, configurando a nova ordem social. Por outro lado, a ficção científica aborda em suas narrativas eventos que não se originam de eventos e seres do mundo real, como os marcianos, por exemplo.

O escritor P. L. Thomas, na obra *Science Fiction and Speculative Fiction*, revela que a associação das obras de Atwood como FC iniciou-se com *O Conto da aia* e que a autora, discordando da classificação, revela que o conjunto de sua obra faz parte da “ficção especulativa; e, mais particularmente, como aquela forma negativa de ficção utópica que passou a ser conhecida como distopia” (THOMAS, 2013, p. 2).

Atwood, segundo Thomas (2013), ainda revela que a linha embaçada entre FC e FE como em *O Conto da aia* não inventam tecnologias que não tenhamos inventado ou começado a inventar. O autor ainda acrescenta que a FC se distingue pelo domínio narrativo do “*novum*”, que seria uma premissa ficcional que enfoca a diferença entre o mundo natural e o mundo ficcional, podendo se tratar de qualquer tecnologia ainda não existente como uma máquina do tempo, por exemplo.

Em entrevista ao jornal americano *The New York Times*, a autora declara que, ao escrever *O Conto da Aia*, atentou-se para que todos os detalhes, todos os eventos, as leis, as tecnologias disponíveis tivessem um antecedente real e que não colocaria nenhum evento no livro que já não tivesse acontecido.

Uma das minhas regras foi que eu não botaria nenhum evento no livro que já não tivesse acontecido no que James Joyce chamou de o “pesadelo” da história, nem

---

<sup>5</sup> Original em Inglês: What I mean by “science fiction” is those books that descend from H. G. Wells’s *The War of the Worlds*, which treats of an invasion by tentacled, blood-sucking Martians shot to Earth in metal canisters—things that could not possibly happen—whereas, for me, “speculative fiction” means plots that descend from Jules Verne’s books about submarines and balloon travel and such—things that really could happen but just hadn’t completely happened when the authors wrote the books. I would place my own books in this second category: no Martians”. (ATWOOD, 2011, p. 6)

nenhuma tecnologia ainda não disponível. Sem dispositivos imaginários, sem leis imaginárias, sem atrocidades imaginárias. Deus está nos detalhes, eles dizem. O Diabo também está. (ATWOOD, 2017, s/p)

De fato, a sociedade gileadena não apresenta elementos ficcionais, no sentido que a autora descreve, pois o que ocorre é uma regressão aos valores tradicionais, o que nos possibilita analisar criticamente a sociedade presente e refletir sobre o passado.

Um exemplo desse paradoxo, aqui no Brasil, é o discurso do Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, no encontro intitulado “Reunião Autoajuda” que objetiva orientar as mulheres evangélicas a serem “virtuosas”, ocorrendo trimestralmente no templo de Salomão, apresentado na reportagem da agência de jornalismo investigativo, “Publica”. Em suas palavras:

Macedo diria também que as mulheres precisam se casar com homens superiores em cultura e condições financeiras, porque o marido deve suprir a casa. “Se você for a provedora, seu casamento está destinado ao fracasso”. É que o homem deve ser a cabeça da união e a mulher, o corpo. “Minha esposa substitui minha mãe cuida de mim e eu dou pra ela do bom e do melhor. No casamento, o homem é Jesus e a mulher é a igreja”. (DIP; DOLCE; MACIEL, 2019, s/p)

A “Reunião Autoajuda” faz parte de um programa da Universal voltado para mulheres intitulado *Godllywood*, criado por Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo. De acordo com o site oficial da Igreja Universal, o programa surgiu a partir de uma revolta acerca dos valores julgados “errados” e que a sociedade teria adquirido sob a influência das práticas em Hollywood. O objetivo do programa é reverter esse quadro, tornando as jovens mulheres avessas a essas supostas influências. Ainda nessa reportagem, são entrevistadas três mulheres vítimas de abuso sexual ou violência praticadas por membros da igreja. Quando uma delas é questionada sobre o que é ser mulher da igreja, uma mulher de Deus, a entrevistada responde que significa “Submissão. Não questionar o marido, que é autoridade espiritual dentro de casa, não questionar o pastor, que é a autoridade espiritual constituída por Deus. Obediência e submissão.” (DIP; DOLCE; MACIEL, 2019, s/p).

Embora pareça um discurso que poderia estar no enredo distópico de *O conto da Aia*, o discurso do bispo apenas reflete o conservadorismo de setores da sociedade brasileira contemporânea e evidencia como estamos cada vez mais perto de uma distopia real, como a figurativizada por Atwood.

### 2.1.2 Uma distopia real

Em 1516, surge no mundo literário a obra *Utopia*, do escritor Thomas More que utiliza pela primeira vez, o termo que como trocadilho ou não, apresenta três significados: (*ou-topus*: “em lugar nenhum”; *eu-topos*: “um bom lugar” e *u-topos*: “terra em forma de U”) (MATOS, 2017, p. 42), para referir-se à ilha ficcional *Utopia*, que originou o título do livro.

No enredo da obra, a sociedade em *Utopia* é caracterizada como uma sociedade organizada e com política igualitária, no entanto, em narrativas como *1984*, de George Orwell, e *O Conto da aia*, em que um governo totalitário assume o poder do Estado e os indivíduos perdem suas liberdades, deparamo-nos com o conceito de distopia, que seria, inicialmente, o contrário de utopia.

O termo distopia, composto pelo prefixo grego *dys* (doente, mal e anormal), descreve as sociedades em que as condições sociais são piores do que as que vigoram no mundo real.

O gênero utópico surge como uma visão de uma sociedade futura perfeita, possibilita por uma perspectiva positiva das mudanças ocorridas. Em contrapartida, o gênero distópico mostra uma sociedade falha, que vive sob algum tipo de opressão (seja ela governamental, tecnológica, religiosa etc.), derivada das aflições trazidas pelas mudanças sociais e pelos avanços tecnológicos descontrolados. (LIMA, 2017, p.11)

Em *1984*, por exemplo, existe a presença de um governo totalitário que assume o poder pautado a partir de três ministérios: do amor, da paz e da verdade, que possuem como função realizar o oposto de cada ministério, respectivamente, o primeiro incita a guerra, o segundo proíbe as liberdades e o último altera a verdade.

No texto de Orwell, altera-se a verdade e a realidade, minam-se as relações interpessoais, incentiva-se o celibato. As mulheres são caracterizadas de modo a esconder a feminilidade, num estado de conservadorismo extremo, privação de liberdades e práticas de sexo apenas para fins de reprodução. O Estado empreende total vigilância dos sujeitos, mediante escutas e câmeras em todos os lugares. Essa vigilância excessiva e a incitação do ódio ao próximo são uma das características que corroboram com a classificação da obra como distopia, fazendo alusão a “um lugar ruim”.

*O Conto da Aia* é, portanto, uma história de caráter especulativo e distópico, com traços presentes na sociedade contemporânea, o que serve para possibilitar reflexões de natureza crítica e política.

### 2.3. Foco narrativo e a linguagem

Apresentamos, neste tópico, os elementos relacionados à linguagem da narrativa, especificando o foco narrativo e o vocabulário adotados nas duas partes principais, a primeira referindo-se à história narrada por Offred, a segunda relativa ao epílogo *Notas históricas*. *Notas Históricas* traz uma espécie de comunicação acadêmica em que James Darcy Pieixoto, diretor de arquivos da Universidade de Cambridge, apresenta uma palestra intitulada “Problemas de autenticação com relação ao conto da aia”.

Em *A narrativa e o seu discurso*, Gérard Genette, concebe o termo *narrativa* sob três concepções. A primeira designa o “enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos”; em um segundo sentido, designa a “sucessão de acontecimentos reais ou fictícios que constituem o objeto desse discurso e suas diversas relações de encadeamento, de oposição, repetição; por fim, como “um acontecimento: já não, todavia, aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa: o acto de narrar tomado em si mesmo” (GENETTE, s/d, p. 23-24).

Conforme Greimas e Courtés, o termo narrativa “é utilizado para designar o discurso narrativo de caráter figurativo (que comporta personagens que realizam ações)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 327). Quando o destinador e destinatário da narrativa estão explicitamente instalados no enunciado (é o caso do eu e tu) podem ser chamados, respectivamente, de narrador e narratário. Para a semiótica, mesmo quando não temos textos do tipo narrativo, há sempre pressuposta uma narratividade, generalizada a todo e qualquer discurso: “A narratividade apareceu, assim, progressivamente, como o princípio mesmo da organização de qualquer discurso narrativo (identificado, num primeiro momento, com o figurativo) e não-narrativo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 238). Se a noção de narrativa se aproxima do conceito de Genette considerando a sucessão de ações, o termo narratividade se expande, ultrapassando os textos que se inserem no tipo narrativo.

No caso do texto de Atwood, o caráter narrativo é explícito, na medida em que se apresenta como romance, com sucessão lógica de acontecimentos, embora a narrativa não siga propriamente a linearidade, com transições entre passado e presente, características do romance contemporâneo.

De acordo com Antonio Candido, “quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na

vida que vivem, nos problemas que se enredam” (CANDIDO, 2002, p.53). Vemos no romance os acontecimentos que cercam a personagem central, Offred, no conflito entre submissão e rebeldia, com desfecho incerto.

A parte expressamente narrativa de *O Conto da aia* é narrada em primeira pessoa, de forma fragmentada, transitando entre dois momentos, o do presente, quando Offred se encontra na condição de aia, e seu passado, quando tinha um trabalho, uma mãe, um marido e uma filha. Esse passado vai aos poucos se introduzindo nas lembranças da personagem e ajudam a esclarecer a trama e a situação na qual se encontra. A narradora classifica a sua narrativa como uma “reconstrução” e o que sabemos dela é que se trata de uma mulher de 33 anos, de classe média norte americana, que vê sua vida mudar drasticamente com o golpe de Estado.

O vocabulário nessa parte é simples, sem rebuscamento, utilizado estrategicamente para ser de fácil entendimento e aproximar a personagem do leitor, como afirma Atwood: “a personagem contando a história foi criada em nosso tempo, em nossa linguagem” (INGERSOLL, 1990, p. 115). As frases são curtas, assim como o são os capítulos que contam com em média seis a sete páginas, o que confere ao texto velocidade.

Durante toda a narrativa existe uma quebra na linearidade convencional e as informações são apresentadas, interrompidas e retomadas de acordo com o fluxo de pensamento do narrador de primeira pessoa. Só se torna possível a compreensão cronológica dos fatos (o que aconteceu a sua família, o que a levou à condição na qual se encontra, o que ocorreu com o país para que abrigasse o regime totalitário etc.) ao seguirmos por toda a trama.

Compreende-se como “fluxo da consciência” na narrativa

a expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a sequência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente. Trata-se de um ‘desenrolar ininterrupto dos pensamentos’ das personagens ou narrador. (LEITE 2002, p.68)

A narração em primeira pessoa, segundo Leite, seguindo a tipologia proposta por Freeman, destaca que quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou e que o narrador-protagonista, no caso Offred, narra de um centro fixo limitando a narração a suas percepções e sentimentos: “O *NARRADOR*, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo limitando quase que exclusivamente as suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 2002, p.44). Essa visão parcial contribui para adensar o tom de mistério e incerteza quanto ao rumo dos acontecimentos: Offred não sabe tudo, não tem

acesso ao que pensam os que a cercam, suas intenções, o que se agrava no contexto de repressão, precariedade de diálogos e interações pouco significativas com os outros personagens.

Na segunda parte da obra, há uma abrupta quebra da narrativa, que deixa inconcluso o final da personagem Offred. Um gênero emerge, com um distinto vocabulário, caracterizando o aparecimento da linguagem acadêmica estereotipada. O epílogo se apresenta como *Notas históricas*, no qual há duas vozes. A primeira é de Maryann Crescent Moon, que apresenta o conferencista principal do simpósio de estudos Gileadeanos, o professor James Darcy Pieixoto, fala em seguida. Declara Moon, na abertura do evento:

É com grande prazer que dou as boas-vindas a todos os presentes aqui esta manhã, e estou muito satisfeita por ver que tantos dos senhores compareceram para assistir à apresentação do professor Pieixoto, que, tenho certeza, será fascinante e valerá a pena ser ouvida. [...]O professor Pieixoto dispensa quaisquer apresentações, uma vez que é bem conhecido por todos nós, se não pessoalmente, então através de suas várias obras publicadas. Estas incluem, “Leis Suntuárias Através das Eras: Uma Análise de Documentos”, e o bem conhecido estudo “Irã-Gilead: Duas Monoteocracias do Final do Século XX, Vistas Através de Diários”. Como todos os senhores sabem ele é o coeditor, com o professor Knotly Wade, também de Cambridge, do manuscrito que será examinado hoje, tendo colaborado para sua transcrição, anotação e publicação. O título de sua palestra é “Problemas de Autenticação com Relação a *O conto da aia*”. (ATWOOD, 2017, p. 351-352)

Com a exposição de Pieixoto, a dinâmica da narração entre uma parte e outra do romance se quebra. Na primeira parte, temos uma narradora que descreve seu monótono cotidiano na República de Gilead, em que perde todas as suas liberdades individuais e é reduzida a um útero por um governo totalitário e teocrático. Na segunda parte, no entanto, apresenta-se um enunciador homem, que vai, a partir da sua visão teórica, refutar a validação do relato de Offred a partir de seu trabalho “Problemas de autenticação com Relação a O conto da aia”.

O simpósio ocorre no ano 2195, posterior aos eventos narrados por Offred, que parece, então circunscrever-se aos anos finais do século XX. Como historiador, Pieixoto organiza como corpus fitas cassete na qual aparecem registrados os relatos de Offred. São trinta fitas com registro de canções (de Elvis Presley<sup>6</sup>, canções folclóricas da Lituânia, de Boy George<sup>7</sup>, Mantovani<sup>8</sup> e Twisted Sister<sup>9</sup>), ao que se somam os relatos atribuídos a Offred.

Assumindo o *ethos* de estudioso, Pieixoto descreve a metodologia de sua investigação, que o leva, por fim, a relativizar a veracidade das informações trazidas por Offred.

<sup>6</sup> (EUA, 1935-1977).

<sup>7</sup> Cantor e compositor britânico, famoso nos anos 80, com composições relacionadas ao movimento new age. Atualmente, seu estilo se classifica como “blue-eyed soul”.

<sup>8</sup> Maestro italiano, falecido nos anos 80.

<sup>9</sup> Banda de heavy metal norte-americana dos anos 70.



Depois de termos a transcrição em mãos- e tivemos que refazê-la e revisá-la várias vezes, devido a dificuldades criadas por sotaque, referências obscuras e arcaísmos -, tivemos que tomar algumas decisões quanto à natureza do material que havíamos tão laboriosamente adquirido. Várias possibilidades nos confrontam. Primeiras, as fitas poderiam ser uma falsificação. Como os senhores sabem já foram registrados vários casos e falsificação desse tipo, pelas quais os editores pagaram grandes somas, desejando sem dúvida tirar proveito do sensacionalismo de tais histórias. Parece que certos períodos da história se tornam rapidamente, tanto para outras sociedades quanto para aqueles que as seguem, o material de lendas não especialmente edificantes e a ocasião para autocongratulação hipócrita. Aqui, peço licença para fazer um aparte editorial, permita-me dizer que, em minha opinião devemos ser cautelosos ao fazer o julgamento moral da sociedade gileadeana. Sem dúvida já aprendemos a essa altura que tais julgamentos são por necessidade específicos de cultura. Além disso, a sociedade gileadeana estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e outros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nosso trabalho não é censurar e sim compreender. (*Aplausos*) (ATWOOD, 2017. p.355)

E nome da objetividade e suposta imparcialidade científica, Pieixoto preconiza que não cabe fazer julgamentos ou censurar a sociedade despótica e machista descrita por Offred. Justifica essa parcimônia na avaliação diante do reconhecimento de que a sociedade gileadeana se encontrava sob pressões diversas, o que opera para que menospreze a gravidade dos relatos. É, portanto, o olhar de um homem, sustentado pelo funcionamento do discurso acadêmico, que julga como excessivo a perspectiva feminina, passional, subjetiva.

Com a integração dessa perspectiva à história, o contexto de Offred torna-se ainda mais desumano e distópico, uma vez que, mesmo com o fim de Gilead, a nova sociedade que emerge dessa forma ostensiva e autoritária do patriarcado, relativiza a gravidade dos fatos narrados, sob a suposta objetividade acadêmica.

Assim, *O Conto da Aia* inscreve-se como ação sobre o mundo (KOCH, 1996), veiculando duas diferentes formações discursivas em diálogo e confronto. Na primeira parte, predominantemente figurativa (FIORIN, 1998) como se dá com o gênero romance, a ideologia vai ser apreendida das isotopias temáticas e figurativas. Na segunda parte, predominantemente temática, fiel ao gênero exposição acadêmica, a ideologia se explicita nos temas. Na primeira, o enunciatário (leitor) é levado a surpreender-se com a supressão do direito à linguagem como estratégia para controlar a vida dos sujeitos. Esse poder é arbitrariamente exercido por um grupo dominante, composto por comandantes dos fiéis que organizam rigidamente a sociedade em diferentes classes, programando suas ações e controlando a perpetuação dos valores ideológicos dominantes. Na segunda, temos Pieixoto, analisando o relato, assumindo um ponto de vista que desqualifica a narradora, ao mesmo tempo em que o aparato teórico o qualifica como destinador. São, portanto, duas ações em confronto: “A linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo

dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 1996 p.17).

Para Fiorin, a linguagem é responsável por delimitar a forma como enxergamos o mundo, como produto social e histórico. Em suas palavras:

A linguagem cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico. Assim, a linguagem “criadora de uma imagem do mundo é também criação desse mundo”. A linguagem formou-se, no decorrer da evolução filogenética, constituindo um produto e um elemento da atividade prática do homem. (FIORIN, 1998, p.52)

O autor ainda destaca que a linguagem influencia o comportamento humano, sendo o discurso parte da visão que veicula um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente numa dada conjuntura social. Para o semiótico, a ideologia remete ao “campo das determinações inconscientes”, na medida em que escapa ao sujeito o modo como se constituiu como sujeito ideológico, que toma para si como verdadeiros determinados valores e discursos.

[...] o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social. Esses elementos surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção forma apagadas. Esses elementos semânticos, assimilados por cada homem ao longo de sua educação, constituem a consciência e, por conseguinte, sua maneira de pensar o mundo. (FIORIN, 1998, p. 19)

Nesse sentido, a primeira parte do romance explicita os mecanismos de controle ideológico mobilizados em Gilead, como maneira de o governo controlar os corpos, impor como aceitável sua visão de mundo e, desse modo, permanecer no poder. A linguagem é explicitamente usada como poder pelos comandantes, ancorando-se em leitura enviesada da Bíblia Sagrada. Proíbem as mulheres de ler/escrever, de possuírem relações interpessoais significativas enquanto a mídia se vale de telejornais que ilustram a perspectiva oficial sobre a realidade. Além disso, contam com as Tias, incumbidas explicitamente de doutrinar outras mulheres. Veja-se o momento em que a aia Janine é levada a assumir pelas Tias a responsabilidade pelo estupro sofrido. Janine teria sido currado por uma gangue aos quatorze anos e fez um aborto. No dia do Testemunho, ela deve contar a experiência às demais aias em processo de formação:

Mas de quem foi a culpa?, diz Tia Helena, levantando um dedo roliço.  
*Dela, foi dela, foi dela, foi dela*, entoamos em uníssono.  
 Quem o seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco.  
*Ela seduziu. Ela seduziu. Ela seduziu.*  
 Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?

Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*.  
(ATWOOD, 2017, p. 88)

Perfazendo uma aprendizagem tradicional, cabe às aias repetir o ensinamento, a doutrinação. Assim, mesmo quando são alvos de violência sexual, devem tomar para si a responsabilidade, culpando-se. Nesse sentido, o romance desmascara as estratégias de submissão ideológica.

### 3 SOB A OPRESSÃO

Antes de passarmos propriamente à análise, apresentamos brevemente fundamentos da semiótica discursiva e da sociosemiótica que fundamentarão nossa leitura. Nesse sentido, traçaremos um percurso teórico entre a semiótica greimasiana (GREIMAS, 1976; GREIMAS; COURTÉS, 2008; BERTRAND, 2003; FIORIN, 1998) e a sociosemiótica elaborada por Eric Landowski, formulando um panorama acerca dos modelos de interação sugeridos pelo autor na obra *Interações arriscadas* (2014). Em nosso trabalho, mobilizaremos mais precisamente os regimes de manipulação e programação, analisando os aspectos totalitários presentes na narrativa.

#### 3.1 Semiótica e sociosemiótica

Em linhas gerais, a semiótica francesa, semiótica da Escola de Paris ou semiótica do discurso origina-se nos trabalhos empreendidos pelo lexicólogo lituano Julien Algirdas Greimas. Suas reflexões em torno de uma semântica de base estrutural começam a ser desenvolvidas na França na década de 1960, quando coordena Grupo de Investigação Sêmico-linguística, que teve como alicerce Ferdinand de Saussure, Louis Trolle Hjelmslev, a antropologia de Claude Lévi-Strauss e a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

Da linguística saussuriana, como afirma Denis Bertrand (2003), a semiótica extrai os princípios fundadores de sua metodologia, com postulados estruturais, e a concepção da língua como instituição social apreendidos do *Curso de Linguística Geral* (1916). Do linguista Louis Trolle Hjelmslev, principal continuador dos estudos de Ferdinand de Saussure e criador da glossemática, perspectiva a partir da qual a língua é concebida como uma combinatória, a semiótica estabeleceu os fundamentos do que seria a semântica estrutural, apreendidos de sua maior obra *Prolégomenos a uma teoria da linguagem e Ensaio linguísticos* (1943).

Para Greimas (1976), o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação, assim como o próprio mundo natural deve ser compreendido como significante. Sob orientação fenomenológica, a semiótica se volta para o parecer do sentido:

O objeto da semiótica é o *sentido*. [...] Uma restrição, portanto, impõe-se logo de início: a semiótica se interessa pelo “parecer do sentido”, que se apreende por meio das formas da linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente. (BERTRAND, 2003, p.11)

Como teoria do sentido, volta-se para diferentes objetos, além dos textos propriamente ditos, sejam estes verbais ou sincréticos.

Priorizando os textos, Barros (2003) define a semiótica como uma teoria se preocupa em descrever o que o texto diz, mas, fundamentalmente, prioriza considerar o modo como ele faz para dizer o que diz.

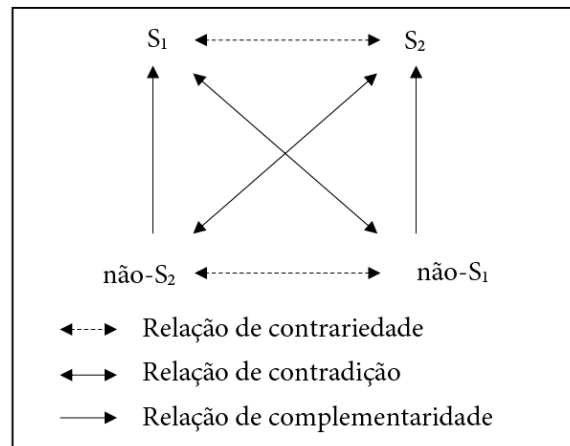
A teoria semiótica, procura, portanto, explicar os sentidos do texto. Para tanto, vai examinar, em primeiro lugar, os mecanismos e procedimentos de seu plano de conteúdo. O plano de conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido, metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo. (BARROS, 2003, p. 188)

Fiorin (1999) afirma que o projeto de Greimas era elaborar uma “teoria gerativa, sintagmática e geral”. Sintagmática porque se preocupa com a produção e interpretação de textos, considerando o plano de expressão e conteúdo; geral porque se interessa por qualquer tipo de texto “veiculado em qualquer materialidade” e trata-se de uma teoria gerativa, porque concebe “o processo de produção de sentido de um texto como um percurso gerativo” (FIORIN, 1999, s/p).

Para ler um texto, do ponto de vista do plano do conteúdo, pressupõe-se diferentes níveis de abstração e complexificação que conformarão o que se denomina na teoria como percurso gerativo de sentido. Esses níveis são designados como fundamental, o narrativo e o discursivo, cada um deles descrito mediante uma sintaxe e uma semântica: “Cada um desses níveis tem uma sintaxe e uma semântica próprias; a sintaxe é o mecanismo que ordena os conteúdos, e estes estão no domínio da semântica” (MENDES, 2011, p.187).

O percurso gerativo é “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e interpreta o sentido” (FIORIN, 2002, p.17). No nível fundamental, a significação se apresenta por meio de estruturas fundamentais marcadas pela oposição entre um termo e outro, que são representados por um modelo lógico de relações, intitulado “quadrado semiótico”. Em função de um axiologização, os termos dessa oposição podem ter um valor eufórico ou disfórico, correspondendo respectivamente a valores positivos ou negativos.

O quadrado semiótico, compreende-se, segundo o dicionário de semiótica, como a representação visual da articulação lógica de uma categoria, marcado pela relação de oposição entre dois termos, em que possui uma relação de contradição, contrariedade e complementaridade.

**Figura 1:** Quadrado semiótico

**Fonte:** Adaptado do Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.402)

No quadrado semiótico, os termos hipotéticos  $S_1$  e  $S_2$  opõem-se, mantendo entre si uma relação de contrariedade, assim como ocorre com os termos não- $S_1$  e não- $S_2$ . Entre  $S_1$  e não- $S_1$  e  $S_2$  e não- $S_2$ , existe uma relação de contradição ou contraditoriedade.

Em *O Conto da aia*, digamos que as estruturas semânticas fundamentais ( $S_1$  e  $S_2$ ) em oposição fossem liberdade *versus* dominação. Do ponto de vista da posição enunciativa, a liberdade é o termo eufórico e a dominação caracteriza-se como uma categoria disfórica. Os valores de uma categoria semântica não estão pré-estabelecidos de antemão, mas constituem-se por meio do texto. Assim, no discurso de lideranças religiosas conservadoras no contexto brasileiro atual, a opressão é que parece ser eufórica, encarnada pelo gesto das mãos indicando um olhar positivo sobre os armamentos e a punição a quem se opõe ao discurso do governo.

Para a classe das Tias e dos Comandantes dos fiéis, a dominação adquire valor *eufórico*, uma vez que se beneficiam dos privilégios da sociedade, enquanto que para a classe das aias e das outras mulheres na narrativa, possui um valor *disfórico*, ao passo que a dominação recai sobre os seus corpos, perdendo, assim, autonomia social.

Passando para o nível narrativo, no entanto, o sujeito está em *disjunção* ou em *conjunção*<sup>10</sup> com o objeto liberdade, obedecendo ao esquema narrativo composto por quatro programas narrativos: manipulação, a competência, a performance e a sanção.

<sup>10</sup> Em semiótica narrativa, convém reservar o nome de *conjunção* para designar, paradigmamente, um dos dois termos (juntamente coma *disjunção*) da categoria da **junção**, que se apresenta, no plano sintagmático, como função (relação entre o sujeito e o objeto) constitutiva dos enunciados de estado. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.90)

A manipulação, “caracteriza-se como uma ação do homem sobre outro homem, visando a fazê-los executar um programa dado” (GREIMAS; COURTÉS.2008,p. 300). Nesse caso, o sujeito transmite um fazer-ser ou fazer-fazer. O manipulador pode exercer seu poder persuasivo apoiando-se nas modalidades da tentação, sedução, provocação ou por intimidação.

Na fase da competência, um sujeito atribui a outro sujeito (ou a si mesmo) condições que torne possível saber-fazer, é esse algo que torna possível a aptidão para cumprir alguma tarefa ou função; Na terceira fase, a performance contrabalança-se com o de competência, é o fazer-ser, seria a execução da atividade demandada, na última, a sanção, tem-se o reconhecimento ou julgamento da performance.

Adentrando ao nível discursivo, as estruturas se tornam mais concretas e complexas. Concretização essa, que pode ocorrer tanto por tematização, por termos abstratos, ou por figurativização, por termos concretos. “Assim, há textos mais figurativos, como na literatura, e textos que são mais temáticos, como os científicos”. (MENDES, 2011, p.189)

A organização da sintaxe é pautada nas projeções da enunciação no enunciado para persuadir e manipular o enunciatário. De acordo com Mendes:

A sintaxe discursiva se organiza em torno das projeções da enunciação no enunciado para persuadir e manipular o enunciatário. Essas projeções abarcam a temporalização, a espacialização e a actorialização, isto é, pessoa, espaço e tempo em que se ancora o texto. Dessa forma o uso de uma pessoa no lugar de outra, de um tempo no lugar de outro ou de um espaço no lugar de outro são estratégias que criam efeitos de sentido que visam à manipulação do enunciatário. (MENDES, 2011, p.189-190)

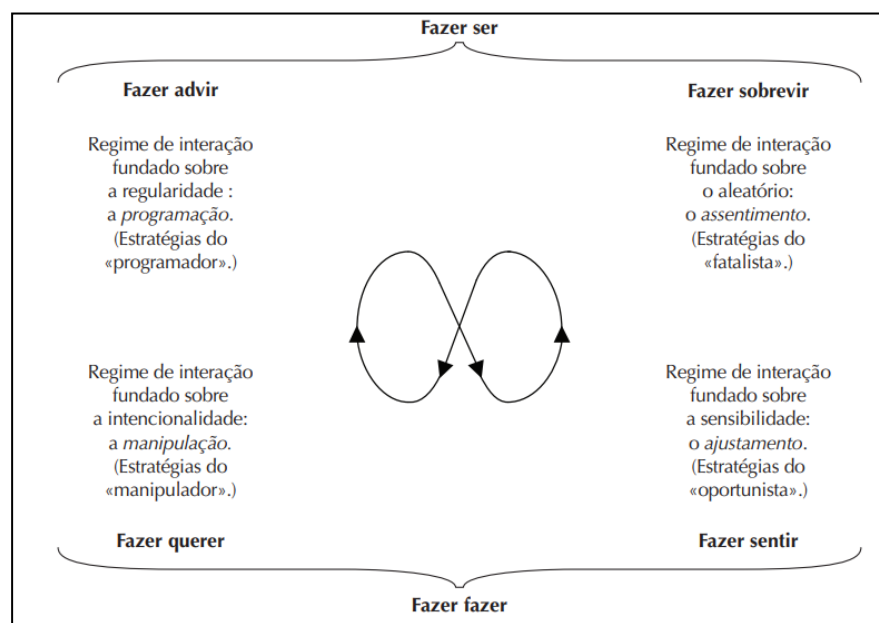
A sociossemiótica, por outro lado, desenvolve-se desde a metade da década de 1970, sobretudo na França, Itália e na América Latina, sob a perspectiva de Eric Landowski, sociossemiotista francês, codiretor da revista *Actes Sémiotiques*. Suas pesquisas se concentram na “análise de discursos e práticas sócio-políticas, nos regimes de interação, no processo de construção de identidades e na experiência sensível”. (SILVA, 2014. p. 347; 345-361). Em Paris desenvolve um seminário de sociossemiótica e no Brasil, foi o criador, com Ana Claudia de Oliveira e José Luiz Fiorin, do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), na PUC-São Paulo. (SILVA, 2014.p. 347; 345-361)

A Sociossemiótica constitui-se, então, como uma vertente da Semiótica greimasiana *standard* que aborda a questão do sentido no nível das práticas e das interações sociais, sobrepondo-se à gramática narrativa (LANDOWSKI, 2014). Em suas palavras:

Concentrando assim a atenção sobre o ato e mais especificamente sobre a dimensão interacional dos processos, a sociossemiótica inscreve-se no prolongamento da semiótica standard, frequentemente considerada ela mesma como uma semiótica da ação («em papel»). Mas se uma retoma da outra suas principais aquisições, a saber a problemática actancial e modal conhecida enquanto gramática narrativa, é somente com certas reservas. Pois a forma que a teoria sociossemiótica acaba por tomar resulta de uma crítica metódica do modelo standard (LANDOWSKI 2004: 39-49). Ao procurar superar as pressuposições filosóficas e antropológicas desse modelo e completar suas lacunas, a sociossemiótica foi levada a adicionar à conceituação semio-narrativa clássica um certo número de complementos que tomam finalmente lugar num modelo novo, ao mesmo tempo integrador e inovador. (LANDOWSKI, 2014, P.12-13, 10-20)

Na redução operada por Greimas das funções de Vladimir Propp, configurou-se o esquema narrativo canônico com suas quatro fases: manipulação, a competência, a performance e a sanção, em que aplicava-se a todas as narrativas de forma previsível e sequencial. No entanto, Landowski, fundamentado nos princípios Hjelmslev, procura trabalhar com as possibilidades e elaborar não apenas um único modelo de narratividade, mas quatro. E “uma vez superados os limites do modelo juntivo, vê-se assim que novas possibilidades se abrem para dar conta da diversidade de modos de apreensão do sentido na interação e tentar construir uma teoria geral”. (LANDOWSKI 2005: 72).

**Figura 2: Regimes de interação**



Fonte: LANDOWSKI (2014, p.15)

Na obra *Interações Arriscadas*, Eric Landowski, afirma que “o sentido para a sociossemiótica centra na relação com a alteridade, qualquer que lhe seja o estatuto, de gente ou de coisas.” Esses regimes de interação remetem a graus distintos de regularidade



respectivamente, programação (governado pela regularidade), acaso (governado pela casualidade, ajustamento (governado pela não regularidade) e manipulação (governado pela não casualidade), nesse sentido, quanto maior a regularidade que preside ao regime, menos riscos ele representa.

Assim, a programação não apresenta nenhum risco, pois é absolutamente previsível e, portanto, roça a insignificância. O acaso é possível, mas absolutamente imprevisível e, por conseguinte, está na fimbria do absurdo. A manipulação, sendo da ordem do não imprevisível, apresenta uma regularidade nem totalmente imprevisível, mas também não absolutamente previsível. O ajustamento, sendo o domínio do não previsível, manifesta uma casualidade que pode ser compreendida. Esses quatro regimes dão lugar a quatro modelos narrativos: um governado por uma lógica da regularidade; um, por uma lógica da eventualidade; um, por uma lógica da intencionalidade e um, por uma lógica da sensibilidade. (LANDOWSKI, 2014, p.8)

A programação é o modelo em que o estado resultante de transformação é o efeito de uma causa (relação causa e efeito pode referir-se a dois eventos consecutivos, sendo o segundo evento uma consequência do primeiro), a manipulação é o modelo em que se transformam “estados de alma” em que se busca essencialmente por intermédio da persuasão motivar alguém a agir de determinada maneira, o acidente (o acaso) é o modelo q descreve acontecimentos que por sua própria vez escapam a qualquer determinação. O ajustamento modelo em que parceiros de interação, sentindo a maneira de agir do outro, vão construindo *in fieri* os princípios da relação.

O sistema preconizado por Landowski alarga exponencialmente as condições de aplicabilidade da teoria narrativa, passando a ser aplicada não somente ao texto, mas nas esferas sociais. A programação pode regular a organização social e política, gerando regimes mais ou menos totalitários, enquanto a manipulação é o modelo das sociedades democráticas, pois trabalha em um acordo de vontades, em que o outro necessita convencer alguém a realizar determinada atividade.

### **3.2 Da manipulação à programação**

José Luiz Fiorin no prefácio de *Interações arriscadas* destaca que “o sistema que ele [Eric Landowski] arquitetou tem um caráter dinâmico, pois permite deslizamentos de um regime a outro”, (LANDOWSKI, 2014, p.9), nesse sentido, analisaremos como um governo democrático passa de um estado a outro, transformando-se em um regime totalitário.

Para dar conta das condições de emergência do sentido, Landowski propõe regimes que traduzem o sentido em interações sociais. Neste caso, nos atentaremos aos regimes de

manipulação e programação, considerando a forma de relação entre os sujeitos nesses regimes.

O regime de manipulação, como discutido anteriormente, refere-se aos modelos de sociedades democráticas, em que é necessário o acordo entre vontades, em que um sujeito, necessariamente, precisa persuadir um outro para realizar determinada atividade. Entendemos como sujeito, o “ser” suscetível a possuir qualidades, mas também igualmente capaz de efetuar atos. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.487)

O regime da programação, por outro lado, representa as sociedades totalitárias dominadas por uma regularidade, que determina e prevê todos os tipos de relação. Neste regime, os indivíduos são vistos como não-sujeitos, sendo permitido a estes apenas um “papel temático” específico.

Partimos então, de um ponto inicial, quando Gilead ainda era EUA, um país democrático e a narradora Offred, possuía um nome próprio, um marido, uma filha, um emprego e possuía direitos dentro da sociedade. Em *O conto da aia*, a estratégia usada pelo grupo denominado Filhos de Jacó, é elaborar um ataque surpresa ao Congresso, assassinar o presidente e suspender a constituição, que é basicamente, o conjunto de normas que regem um Estado e que limita os poderes de uma entidade política. Assim, sem uma delimitação de poderes e de uma norma, estes se valem das escrituras bíblicas para assumirem o poder e instaurar uma ditadura.

Com relação à conduta de guerra, pode-se reconhecer primeiro uma abordagem estritamente *programática*. Ela consiste em analisar os conflitos em termos de pura relação de força. Disso decorre uma definição muito simples tanto dos objetivos quanto dos meios de luta: trata-se de derrotar o inimigo submetendo-o a uma potência de fogo superior a sua e suficiente para aniquilá-lo. (LANDOWSKI, 2014, p.55)

Durante o período de suspensão da Constituição, o grupo utiliza-se de meios persuasivos para manter a população tranquila e sob controle.

Mantenham a calma, diziam na televisão. Tudo está sob controle. Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que era temporário. Não houve sequer nenhum tumulto nas ruas. As pessoas ficavam em casa à noite, assistindo à televisão, em busca de alguma direção. Não havia nem um inimigo que se pudesse identificar. (ATWOOD, 2017, p.208)

Após o fim da democracia e do regime de manipulação, configura-se e se estabelece o regime de programação em que um estado totalitário se instaura, e passa a categorizar os indivíduos como não-sujeitos e a partir de um papel temático específico. A narradora personagem, então, perde suas individualidades, características de sociedades democráticas,

passando a desempenhar o papel de aia e pode apenas exercer essa função em Gilead. Temos nesse caso, uma passagem regressiva em que ocasiona o “esvaziamento de sentido” ou sua perda total.

[...] Indicam um primeiro tipo de passagem, “regressiva”, como dizíamos acima, de um regime a outro. Viu-se, com efeito, que o risco inerente ao regime de *manipulação* é o de “cair” na programação, isto é, de passar de um regime relativamente incerto, mas que, nessa mesma medida, deixa aberta a possibilidade de efeitos de sentido imprevistos, por força da redundância, ao esvaziamento do sentido e à dissolução na insignificância. (LANDOWSKI, 2014. p.85-86)

Por fim, esse regime resume-se a relações de causalidade previstas, habituais. “É aquele da repetição do mesmo, da «rotina» e do risco mínimo” (LANDOWSKI, 2014, p. 17-20, 31-34). A programação remete a algoritmos de comportamento, por isso é que os sujeitos têm papéis temáticos fixos e são categorizados como não-sujeitos.

### 3.3 Totalitarismo e programação

Em termos classificatórios, sistematizaremos a organização de Gilead, fundamentada nos pensamentos de Friedrich & Brzezinski (1996), na obra *Totalitarian Dictatorship and Autocracy*, em que definem seis traços característicos e fundamentais presentes em regimes totalitários:

- 1) Uma ideologia elaborada, composta de uma doutrina oficial que abrange todos os aspectos vitais da existência humana, e diante da qual todos os que vivem nessa sociedade tem de pelo menos, se manter passivos; tal ideologia é direcionada e projetada para um estado final ideal da Humanidade, exigência fundamentada na rejeição radical da sociedade vigente e na conquista do mundo para a nova sociedade;
- 2) Um único partido de massa, no caso típico, conduzido por um único ditador e formado por uma porcentagem relativamente baixa da população total (até 10% da população) de homens e mulheres, no qual uma base rígida está atrelada á ideologia apaixonante e sem restrição e preparados para incentivar, de todas as formas, a imposição de sua aceitação;
- 3) Um sistema de terror, sobre base física ou psíquica, posto em prática por meio de controle através do partido e da policia secreta, mas que também vigia o partido e, de modo característico, não está direcionada exclusivamente contra os “inimigos” declarados ao regime, mas também contra segmentos da população mais ou menos escolhidos arbitrariamente. O terror, seja ele emanado pela polícia secreta ou da pressão exercida pelo partido sobre a sociedade, faz uso sistemático da ciência moderna, sobretudo da psicologia científica;

- 4) Um completo monopólio, condicionado tecnologicamente, do controle de todos os meios efetivos de comunicação de massa, como a imprensa, o rádio e o cinema, nas mãos do partido e do Estado;
- 5) Um completo monopólio, condicionado tecnologicamente, do emprego efetivo de todos os armamentos pesados;
- 6) Uma vigilância e conduta central de toda economia através das coordenações burocráticas de corporação legais anteriormente independentes, de modo característico, sob influência de outras sociedades e empresas. (FRIEDRICH & BRZEZINSKI. 1996 p. 22.)<sup>11</sup>

A programação dos corpos em *O Conto da aia* inicia-se, primeiramente, após o declínio da democracia e a instauração de um regime baseado por uma ideologia puritana do século XVII, em que a Bíblia Sagrada é considerada como “Constituição” e “legislação” a ser seguida por todos os sujeitos da sociedade, no entanto, com uma interpretação descontextualizada, sendo às mulheres vetada a leitura das escrituras.

As imposições desse novo regime totalitário, governado pelos comandantes dos fiéis (representação do poder patriarcal e totalitário), reincidem de forma brutal apenas aos corpos femininos que passam a perder as liberdades individuais, em contrapartida os únicos a possuírem alguma liberdade são os próprios que instauraram o regime.

A totalitória Gilead, ainda conta com uma grande parte da população que apoia e segue a risca as doutrinas impostas. Um exemplo, controverso, é o apoio das personagens femininas (Esposas e Tias) que apoiam e doutrinam as outras mulheres.

Seria um erro ainda mais grave esquecer, em face dessa impermanência, que os regimes totalitários, enquanto no poder, e os líderes totalitários, enquanto vivos, sempre "comandam e baseiam-se no apoio das massas. (ARENDRT, 2000, P.358).

---

<sup>11</sup> Tradução livre do original em Inglês: 1. An elaborate ideology, consisting of an official body of doctrine covering all vital aspects of man's existence to which everyone living in that society is supposed to adhere, at least passively; this ideology is characteristically focused and projected toward a perfect final state of making—that is to say, it contains a chiliastic claim, based upon a radical rejection of the existing society with conquest of the world for the new one. 2. A single mass party typically led by one man, the “dictator”, and consisting of a relatively small percentage of the total population (up to 10 percent) of men and women, a hard core of them passionately and unquestioningly dedicated to the ideology and prepared to assist in every way in promoting its general acceptance, such a party being hierarchically, oligarchically organized and typically either superior to, or completely intertwined with, the governmental bureaucracy. 3. A system of terror, whether physical or psychic, effected through party and secret-police control, supporting but also supervising the party for its leaders, and characteristically directed not only against demonstrable “enemies” of the regime but against more or less arbitrarily selected classes of the population; the terror whether of the secret police or of party-directed social pressure systematically exploits modern Science, and more especially scientific psychology. 4. A technologically conditioned, near-complete monopoly of control, in the hands of the party and government, of all means of effective mass communication, such as the press, radio, and motion pictures. 5. A similarly technologically conditioned, near-complete monopoly of the effective use of all weapons of armed combat. 6. A central control and direction of the entire economy through the bureaucratic coordination of formerly independent corporate entities, typically including most other associations and group activities.

Dentro desse sistema patriarcal, as relações de poder como afirma Saffioti (1986), não são restritas apenas a opressão masculina sobre a feminina, mas de “homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres, e mulheres que dominam outros homens”, o que equivale dizer que, o patriarcado desenvolve teias de opressão hierarquizadas que perpassam as classes sociais e o gênero.

Como se pode perceber, *O Conto da aia* apresenta elementos característicos de sociedades totalitárias, em que a dominação cultural, militar e política é estabelecida pelo poder masculino, por meio da violência e de ideologias repressoras.

A categorização dos sujeitos torna-se um mecanismo de defesa dos Estados totalitários e uma forma de programar os corpos e encaixá-los em funções a serem seguidas. Em Gilead, a categorização entre homem e mulher é dada de acordo com o gênero e a classe, ou seja, quanto maior a elevação social, determinada pessoa estiver e se for, necessariamente, pertencente ao gênero masculino, mais privilégios sociais possuirão. Vejamos as tabelas:

**Tabela 1:** Categorização dos sujeitos masculinos.

CATEGORIA	FUNÇÃO	CORES DAS VESTES
<b>Comandantes dos fiéis</b>	Comandar a República de Gilead	Preta
<b>Anjos</b>	Soldados	Sem descrição
<b>Guardiões da fé</b>	Soldados responsáveis pelo patrulhamento	Verde
<b>Olhos ocultos</b>	Espiões do governo	Sem descrições

**Fonte:** Autoria própria

**Tabela 2:** Categorização dos sujeitos femininos.

CATEGORIA	FUNÇÃO	CORES DAS VESTES
<b>Tias</b>	Doutrinar	Marrom
<b>Esposas</b>	Comandar a casa	Azul
<b>Econoesposas</b>	Cuidar da casa	Vermelho, azul e verde
<b>Marthas</b>	Cuidar da casa	Verde opaco
<b>Aias</b>	Reprodutoras	Vermelho
<b>Não-mulheres</b>	Trabalhar nas colônias	Sem descrição
<b>Jezebeis</b>	Prostitutas	Todas as cores

**Fonte:** Autoria própria

Observamos aqui, a correlação entre classe e gênero, e o emprego de papéis temáticos específicos entre os personagens, em que o gênero torna-se fator decisivo na relação de importância social. Hierarquicamente, temos: “*Os comandantes dos fiéis*”, que representam os

homens mais ricos que possuem autoridade soberana sobre toda a Gilead. São aqueles que possuem o direito de casar, construir uma família e de ter uma aia em sua residência. São identificados pelo uniformes de cor preta.

“*Os anjos*” são os homens mais jovens, soldados, ficam abaixo dos comandantes, possuem a permissão de ter uma esposa e se conseguirem cumprir seu dever e alcançar idade suficiente, são aquinhoados com uma aia. Os “*Guardiões da fé*”, caracterizados pelos “uniformes verdes, escudo de armas nos ombros e boinas com duas espadas cruzadas, acima de um triângulo branco” que não possuem status suficiente para possuírem uma esposa e são responsáveis pelas barreiras de controle, policiamento de rotina e em alguns casos, quando destacados para servirem os comandantes, são encarregados de cavar o jardim das esposas. Se cumprirem seu dever são promovidos a anjos. (ATWOOD, 2017. p. 31)

Depois dos guardiões, existem os “*Olhos Ocultos*”, que são os homens responsáveis pelo monitoramento de todas as mulheres, e que ficam disfarçados para que ninguém os veja.

As “*Tias*” são as mulheres mais velhas encarregadas de controlar, treinar e punir as aias e dar o exemplo de fé para as outras mulheres. São caracterizadas por usar vestido de cor cáqui e por portarem “agulhões elétricos de tocar gado, suspensos por tiras de couro de seus cintos” (ATWOOD, 2017, p.12).

As “*Esposas dos comandantes*”, caracterizadas com a cor azul são as mulheres da alta sociedade inférteis que comandam a casa, o jardim e os seus residentes as Marthas, Aias e guardiões. São as que possuem permissão para possuir um filho.

As “*Econoesposas*”, por outro lado, são as esposas dos homens mais pobres e elas não estão divididas entre funções a desempenhar e precisam fazer todo o trabalho doméstico, são identificadas por usar “vestidos listrados de vermelho, azul e verde, ordinários e pouco tecido” (ATWOOD, 2017, p. 35).

As “*Marthas*”, com tom verde opaco, são as mulheres responsáveis por todo o serviço doméstico nas casas dos comandantes, desde a preparação da refeição até a organização da casa. As “*Aias*”, de tom vermelho sangue, usam além dos longos vestidos, sapatos e luvas vermelhas, usam toucas brancas padronizadas que tem por objetivo impedir que vissem e sejam vistas por outros. As aias são as únicas mulheres férteis em toda a República, e por esse motivo foi demandado a elas o papel de reprodutora. Um útero.

As “*Não-mulheres*”, que são aquelas que não podem engravidar, as homossexuais, viúvas, adúlteras e feministas, condenadas a trabalhos forçados nas colônias, lugar em que a radiação é fatal. Por fim, as “*Jezebéis*” mulheres que são forçadas a se tornarem prostitutas

não reconhecidas pela sociedade, e que podem usar qualquer tipo de roupa com cores variadas.

Nesse sentido, a desigualdade social torna-se visível diante a divisão social estabelecida pelos governantes de Gilead e a injustiça vem conectada a ela, “primeiramente pela forma como a divisão é feita (visto que é uma decisão tomada pelas pessoas no poder de acordo com suas vontades e crenças), e depois pela forma como cada categoria é tratada” (LIMA, 2017, p.17).

Os Comandantes, como maiores representantes dos privilégios em Gilead, possuem liberdade de locomoção, permissão para leitura, permissão para possuir esposa e aia. E ainda contam, com a quebra de regras ao criar a Casa de Jezebel, prostíbulo criado e frequentado ilegalmente pelos Comandantes, que se caracteriza como um exemplo do poder totalitário e patriarcal. “Em totalitarismos – ou mesmo em qualquer sociedade fortemente hierarquizada – a classe dominadora monopoliza as coisas valiosas [...]” (ATWOOD, 2017, s/p).

Em síntese, a relação entre esposas, comandantes, aias e Jezebéis representa o modelo de família patriarcal, demonstrada no livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, em que o escritor Frederick Engels assegura a ideia de que com a necessidade de procriação de filhos legítimos, para a obtenção de mão-de-obra e produção de riqueza, em detrimento desse processo, criou-se a necessidade de *monogamia feminina*, no modelo de família patriarcal.

De acordo com Mirla Cisne (2013, p. 13), destaca-se o termo “monogamia feminina” porque historicamente a monogamia foi exigida apenas as mulheres. Aos homens, no entanto, restaram as casas de prostituição e bordéis para saciar os desejos sexuais masculinos.

"A existência da escravidão junto à monogamia, a presença de jovens e belas cativas que pertencem, de corpo e alma, ao homem, é o que imprime desde a origem um caráter específico à monogamia que é monogamia só para a mulher, e não para o homem. E, na atualidade, conserva-se esse caráter." (ENGELS, 1979, p. 67)

Ainda de acordo com Engels (1979), a prostituição é consequência da monogamia, consolidando o processo de estabilização do patriarcado, enquanto modelo de organização social. Ou seja, sem a monogamia não existiria prostituição, tendo em vista que no modelo de família patriarcal a sexualidade feminina é reprimida e controlada e a masculina é permitida e aceita as relações extraconjugais, assim como em *O Conto da aia*.

Desse modo, a família patriarcal é constituída por um homem e uma ou várias mulheres ou, simplesmente, constituída pela relação do homem com a esposa e a prostituta, que revela a manifestação do poder patriarcal que nasce por meio da propriedade privada.

#### 4 “E DA COSTELA QUE O SENHOR DEUS TOMOU DO HOMEM FORMOU UMA MULHER”<sup>12</sup>

“*Não se nasce mulher, torna-se mulher*”.

- *Simone de Beauvoir*

O presente capítulo tem por objeto de estudo a análise semiótica da obra *O Conto da aia*, considerando o regime de programação proposto por Eric Landowski em *Interações arriscadas* (2014). Recortamos as discussões acerca dos aspectos religiosos nos quais se destacam as marcas da diferença de gênero e classe recorrentemente associadas à opressão constante sobre os corpos das mulheres, exercido por um poder patriarcal, teocrático e totalitário que subjuga e dita regras do que é ser mulher naquela sociedade.

##### 4.1 A dessecularização da religião

Em países como o Brasil e os EUA, que se situam entre as maiores populações cristãs do mundo<sup>13</sup>, respectivamente, segundo e primeiro lugar, observa-se que se consideram como Estados laicos e secularizados. Entende-se por secularização o processo no qual há a “perda de espaço religioso no funcionamento das sociedades e em suas esferas sociais” (BARBOSA, 2019, p.14). Segundo Berger (1985):

(...) o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle e influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico (...). Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo. (BERGER, 1985, p.119).

No entanto, o que se observa é o recrudescimento dos ideais religiosos e a sua difusão nas esferas sociais, comprometendo a democracia e arrefecendo disputas entre lideranças de diferentes segmentos religiosos. A esse processo denominamos de “dessecularização”, “que

<sup>12</sup> Gênesis 2: 18-25

<sup>13</sup> Pesquisa realizada pela CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil) em 2017. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/cristaos-no-mundo-7-bilhoes-de-pessoa-dizem-professar-a-fe-crista-segundo-instituto-de-pesquisa-pew-research/>



surge frente ao fortalecimento político e social da religião. Como podemos perceber em seu nome, trata-se de uma antítese ao conceito de secularização” (BARBOSA, 2019.p.21).

No Brasil, a posse de Jair Messias Bolsonaro e a “bancada evangélica” presente no parlamento são exemplos da inclusão da religião no cenário político que têm ganhado um espaço significativo nessas esferas. Esse cenário corrobora com a disseminação de falas relacionadas à volta da ditadura, perda de liberdades individuais, dentre eles os direitos das mulheres. A supervalorização dos supostos valores cristãos está em ascensão como estratégia discursiva. Reivindicam “virtudes” que deveriam ser “retomadas” para instaurar uma nova ordem social, na qual a ideia de um governo totalitário de base teocrática se faz cada vez mais próximo da realidade.

Essa orientação que tem como base o conservadorismo supostamente se ancora em passagens da Bíblia Sagrada e seus princípios. A partir de um certo viés de leitura das passagens desse livro, principalmente as relacionadas ao Velho Testamento, constrói-se um lugar de poder para o homem, submetendo a mulher.

Nesse sentido, o romance distópico *O conto da aia* aproxima sua narrativa dos discursos contemporâneos em que o processo de dessecularização da religião passa a afetar e ganhar influência nas várias esferas da vida social, passando a controlar a vida dos sujeitos.

#### **4.2 Aspectos religiosos presentes em *O conto da aia***

A publicação da obra *O segundo sexo, a experiência vivida*, de Simone Beauvoir (1970), logo no primeiro capítulo intitulado *Infância*, nos surpreende com a famosa frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, desconstruindo a determinação de gênero que se tem no discurso biológico. Para Beauvoir, o gênero ou a performance desse gênero são criados socialmente e não pré-estabelecidos como uma determinação natural. O corpo então passa a ser entendido como:

produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. Ou seja, não é algo dado a priori, nem mesmo é universal: é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz. (...) Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização nos quais circulamos cotidianamente. (GOELLNER, 2015, p. 135.)

Mobilizamos aqui como gênero o conceito empregado por Joan Scott (1989). Para a autora, o sexo biológico não é definidor, mas serve a uma construção social imposta sobre os corpos sexuados:

o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1989, p.7)

Em *O conto da aia*, nos deparamos com o recrudescimento do sistema patriarcal supostamente apoiado nos princípios bíblicos, para controlar os sujeitos de sexo feminino e restaurar o poder que seria do homem branco heterossexual. Veja-se, nesse sentido, a ação das igrejas cristãs na confirmação do lugar de subalternidade das mulheres:

Na questão feminina, a posição da Igreja Católica reflete, de um lado, uma doutrina religiosa na qual a mulher sempre figurou como ser secundário e suspeito e, de outro, seus interesses investidos na ordem vigente nas sociedades de classes. Neste sentido, o comportamento da Igreja não tem diferido basicamente da atuação dos demais grupos empenhados na preservação do status quo capitalista. Como estes, a Igreja tem evidenciado um esforço de refinamento das técnicas sociais conducentes a manter, embora disfarçadamente, a mulher submissa ao homem. (SAFFIOTI, 1976, p.50)

As páginas do romance ocupam-se de caracterizar o funcionamento e a organização da República de Gilead, com seu regime teocrático e totalitário, no qual os sujeitos estão dispostos sob o regime da programação. Desempenhando cada qual seu papel temático, os personagens lá descritos perdem o direito a seu corpo, a liberdades, inclusive a de relacionar-se com outros sujeitos, estando aprisionados em um mundo disfórico e sem sentido. Conforme Landowski (2014), na programação a rígida regularidade e previsibilidade que marca as interações intersubjetivas e dos sujeitos com o mundo natural e dos objetos concorre para o esvaziamento do sentido.

A construção da República de Gilead baseia-se nos princípios inseridos nas escrituras do Antigo Testamento. O próprio nome escolhido para o novo regime, “Gilead”, faz referência à terra de Gileade, mencionada em diversas passagens bíblicas. No livro Gênesis, capítulo 31 e versículos 47 e 48, traduz-se “Monte do testemunho”, território montanhoso do lado leste do rio Jordão. Outros nomes e figuras presentes na narrativa ancoram-se em figuras

bíblicas como os Anjos, Bilha<sup>14</sup>, Esposas, Marta<sup>15</sup> e Olhos<sup>16</sup>. As vestes usadas pelas mulheres também são derivadas da iconografia religiosa ocidental: as Esposas vestem azul, remetendo à pureza, em função das reproduções da virgem Maria com seu manto; as Aias usam vermelho, remetendo ao sangue do parto, à condição do sacrifício de Jesus, mas também a Maria Madalena, uma das mais fiéis seguidoras de Jesus.

O início da narrativa é marcado por uma rotina monótona, uma regularidade, que reforça a vacuidade do sentido e a precariedade do sujeito, que refaz o mesmo percurso e as mesmas atividades todos os dias, não podendo alterar a sua realidade. Em termos semióticos, encontra-se na posição de não-sujeito, o que caracterizará sua inscrição no regime de programação. Por não poder romper com a regularidade, reduz-se a “operador” (GREIMAS; COURTÉS, 2008; LANDOWSKI, 2014).

Na qualidade de sujeito operador, Offred se sujeita a sua programação, que inclui permanecer em uma residência por um período médio de dois anos, durante os quais é obrigada a manter relações sexuais com o comandante da casa para gerar filhos à família. Nesse intervalo de tempo, o seu cotidiano monótono lhe permite apenas sair de casa em companhia de outra aia para fazer compras e se exercitar, sem poder manter qualquer tipo de relação interpessoal com outras classes. Mesmo com a aia parceira, o diálogo segue um rígido protocolo de trocas conversacionais.

Semioticamente, falando, para que um sujeito possa operar sobre um objeto qualquer, é necessário que ele esteja programado; mas a noção de programação remete a ideia de algoritmo de comportamento, e finalmente essa ideia se traduzem termos de gramática narrativa, na noção de papel temático. (LANDOWSKI, 2014, p.22)

O papel temático é um dos elementos opressores, pois permite apenas a realização do mesmo percurso cotidiano, sem alterações. Offred veste suas roupas vermelhas, encaminha-se para a cozinha, pega os vales de alimentação, encaminha-se para a frente da residência a espera de sua companheira, param nas barreiras de controle, encaminham-se para os supermercados, voltam para casa, e de tempos em tempo precisam ter relações sexuais com os comandantes (sob supervisão das esposas). Quando as aias como Offred “têm sorte”, geram

<sup>14</sup> Nas versões da Bíblia em português, registra-se o nome como Bila, referindo-se à serva de Raquel, esposa de Jacó. Como Raquel se mostrava estéril, Raquel entrega sua serva a Jacó para lhe dar filhos. No romance, essa cena se reproduz quando as Aias devem substituir as esposas dos comandantes, gerando filhos.

<sup>15</sup> Marta é uma das irmãs de Lázaro, personagem a quem Jesus ressuscita e Maria. Numa das passagens citadas no livro de Lucas, Marta se apresenta como a que trabalha enquanto sua irmã, Maria, prefere ouvir os ensinamentos de Jesus. A partir dessa distinção entre a performance das duas irmãs, no romance Marta representa as mulheres encarregadas dos serviços domésticos.

<sup>16</sup> Metáfora da onisciência divina.

um filho, quando então são mandadas para outra residência para que o ciclo se reinicie novamente. Para a semiótica, compreende-se como papel temático “o modelo organizado de comportamento, ligado a uma posição determinada na sociedade, cujas manifestações são amplamente previsíveis” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.323).

Obedecendo aos papéis temáticos, as mulheres no contexto de Gilead são divididas hierarquicamente para cumprirem as funções específicas dentro do cenário familiar, seguindo a *programação* imposta pelo Estado/Igreja.

Estado e Igreja tornam-se uma única entidade na medida em que se parte da premissa que as ações do governo estão sob “a permissão de Deus”. Consequentemente, as mulheres, ao serem proclamadas aias, martas, esposas, tias etc. sabem quais seus papéis sociais e políticos, visto que a constituição a ser seguida é presa a interpretações conservadoras do Velho Testamento, tomando os personagens bíblicos como modelos para os papéis temáticos.

As cerimônias designam o modo como são chamados os períodos de exploração sexual das aias. Baseiam-se na passagem bíblica em que Raquel entrega sua serva Bilha a Jacó, para que ela tenha filhos e assim os receba por ela. Essa passagem é repetidamente lida a cada dia de “cerimônia” pelo comandante da casa. Encena-se aí o estupro regulado pelo Estado, sendo o corpo feminino propriedade do Estado.

Atravessa a sala até a grande cadeira de couro, reservada para ele, tira a chave do bolso, manuseia desajeitadamente a caixa revestida de couro, toda guarnecida de latão, que fica na mesa ao lado da cadeira. Insere a chave, abre a caixa, tira a Bíblia, um exemplar comum, de capa preta e com as páginas de bordas douradas. [...] É a história habitual, as histórias habituais. Deus para Adão, Deus para Noé. *Frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra.* Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Leia [...] *Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do tu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por elas.* E assim por diante, interminavelmente. (ATWOOD, 2017, p. 107-110)

A previsibilidade da existência monótona e infeliz da aia Offred determina que perfaça cotidianamente o mesmo percurso, encontrando os mesmos sujeitos, atualizando mecanicamente os mesmos gestos. O narrador se apressa a confirmar essa insignificância, a condição em que se acha relegada a um não ser. Mesmo dizer é uma forma de não dizer, na medida em que o enunciado é sempre o mesmo, como num ritual religioso<sup>17</sup>.

Bendito seja o fruto- diz ela para mim, a expressão de cumprimento considerada correta entre nós.

<sup>17</sup> Em termos enunciativos, observamos que aqui não se trata de uma efetiva troca enunciativa, que caracteriza a interação verbal. A recitação remete ao não dizer, a uma falsa enunciação, se considerarmos o que expressa Benveniste (2006) quanto trata de rituais que encenam a troca enunciativa entre locutores.

Que possa o senhor abrir- respondo a resposta também correta. Viramo-nos e caminhamos juntas[...] A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. (ATWOOD, 2017, p. 29)

A recitação dessas enunciações de caráter religioso serve também para confirmar a adesão ideológica das mulheres submissas. Repetir significa confirmar a adesão ao sistema e, desse modo, é possível observar os indivíduos que se identificam com as normas, servindo também para uns vigiarem os outros. Nesse sentido, Ofglen, outra aia, inicia a conversa com o cumprimento correto, “Bendito seja o fruto”, o que demonstra que segue os princípios de Gilead. Mediante essa espécie de senha, logo é percebida por Offred que responde com a saudação considerada correta “que possa o senhor abrir”. Na passagem citada serve para que Offred avalie que a parceira é uma verdadeira crente e que, portanto, deveria ter cuidados ante alguma imprudência que pudesse denunciá-la, na medida em que poderia Ofglen facilmente delatá-la para o governo.

A esse estado de programação, sucede-se o encadeamento de acontecimentos que farão Offred se relacionar com Fred, Nick e Ofglen. Fred é o comandante, Nick, o guardião com quem Offred tenta engravidar dada a suspeita da infertilidade de Fred, e Ofglen, a aia que se mostra aos poucos ser uma dissidente. Apesar da programação a que ambos estão submetidos, os três operam por pequenas rupturas que, aos poucos, serão capazes de romper com o torpor de Offred e servirão para sua ruptura total e fuga. Cada um representa uma espécie de transgressão com a ordem. Fred, que deveria guardar distância de Offred, dirigindo-se a ela somente na cerimônia, reúne-se com ela em segredo em seu gabinete, escondendo o fato de sua esposa. Nick é cooptado pela esposa do comandante para que engravide Offred. Com Nick, Offred desenvolve uma relação de ordem mais afetiva. No final da narrativa somos informados de que ele integra um grupo de resistência e possibilitará a fuga de Offred. Ofglen se mata, para não ser enviada para as colônias ao ser descoberta como também membro da resistência. A narrativa é então interrompida, sem que o leitor seja informado sobre o sucesso dessa fuga e o destino dado à narradora.

### 4.3 NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM

Em um mundo distópico em que as mulheres são privadas de ler e escrever, perdendo suas individualidades, o direito à sexualidade e mesmo ao próprio nome, emerge uma frase latina que permeia toda a trama *Nolite te bastardes carborundorum*: Não permita que os bastardos te reduzam as cinzas. A frase torna-se um elemento motivador para a resistência da personagem principal, Offred e é sobre essa resistência que trataremos neste último tópico.

A sentença foi escrita por uma aia que antecedeu a Offred na residência do comandante Fred e que, antes de se suicidar, deixou a mensagem marcada no armário do quarto. Offred, mesmo antes de saber seu significado, caracteriza-a com o sentido de resistência e subversão.

Não sabia o que significava e nem sequer em que língua estava escrito. Pensei que talvez fosse latim, mas eu não sabia nada de latim. Apesar disso, era uma mensagem, e a mensagem era por escrito, proibida exatamente por esse fato, e não tinha sido descoberta. Exceto por mim, para quem era destinada. Era destinada a quem quer que viesse a seguir. (ATWOOD, 2017, p. 222)

Em *Narrativa e resistência*, Alfredo Bosi (1996) conceitua o termo resistência originalmente, como orientado por um motivo ético e não estético. Refere-se ao ato de não ceder a outra força, impondo assim o querer do sujeito em si. Offred, nesse sentido, mesmo com as imposições religiosas, totalitárias, encontra nesse mundo caótico, meios de resistir a partir de transgressões das regras estabelecidas. Do mesmo modo, podemos pensar que Atwood faz uma narrativa de resistência, denunciando os indícios totalitários e nosso tempo.

Inicialmente, a resistência se dá por meio da relação ilegal com o comandante. Sendo proibida de ler e escrever, passa a conhecer o lado privilegiado reservado aos comandantes de Gilead, no qual existem livros, jogos de palavras, revistas e até um prostíbulo denominado Jezebel.<sup>18</sup>

Escrevo a frase cuidadosamente. Nolite te bastardes carborundorum. Aqui, neste contexto, não é nem uma prece nem uma ordem, mas um triste grafite, um dia rabiscado, abandonado. Pegar na pena entre meus dedos é sensual, parece quase viva, posso sentir seu poder, o poder que as palavras contêm. (ATWOOD, 2017, p.222)

---

<sup>18</sup> Trata-se de referência a outra figura bíblica. Jezebel é considerada uma espécie de rainha vilã pelos textos do Velho Testamento.

A partir da convivência com Ofglen, Offred passa a conhecer o movimento de resistência *Mayday*<sup>19</sup>, que ajuda mulheres a fugirem clandestinamente do país e na qual revigora a sua esperança na resistência.

Ele fez contato com os outros, deve haver uma resistência, um governo no exílio. Alguém deve estar lá, cuidando das coisas. Acredito na resistência do mesmo modo que acredito que não pode haver luz sem sombra; ou melhor, não pode haver sombra a menos que também haja luz. Tem que haver uma resistência, senão de onde vêm todos os criminosos, na televisão? (ATWOOD, 2017. p.128)

A mãe de Offred também aparece diversas vezes como figura de resistência feminista, que preferiu ir para as colônias a sujeitar-se às imposições do governo totalitário.

Eu me esqueci que minha mãe um dia foi tão graciosa, atraente e tão determinada assim. Ela está num grupo de mulheres, vestidas no mesmo estilo; está segurando uma vara, não, é parte de uma bandeira, o punho. A câmera faz um movimento para cima e uma tomada panorâmica e vemos o que está escrito, com tinta, no que deve ter sido um lençol de cama: LEVEM DE VOLTA A NOITE. (ATWOOD, 2017.p.146)

A relação amorosa com o guardião Nick, relembra a Offred que ela é um sujeito, com desejos e vontades a serem priorizadas. Por fim, temos Moira, sua amiga que, por ser lésbica e ter renegado a imposição religiosa, sexual, política e social, configura-se como uma figura de resistência que serve de inspiração para a aia durante toda a narrativa, até mesmo quando Offred a encontrou no prostíbulo.

Aqui está o que eu gostaria de contar. Gostaria de contar uma história sobre como Moira escapou, para sempre dessa vez. Ou se não pudesse contar isso, gostaria de dizer que ela explodiu a Casa de Jezebel, com cinquenta Comandantes dentro. Gostaria que ela acabasse com alguma coisa ousada e espetacular, um afrontoso traje, algo que fosse adequado para ela. Mas até onde sei, isso não aconteceu, porque nunca mais voltei a vê-la. (ATWOOD, 2017, p. 297)

A nosso ver, portanto, a programação vai aos poucos encontrando resistência, o que aponta para a ruptura com o regime. Sabemos de sua derrocada pelo próprio texto das conferências, epílogo do romance.

---

<sup>19</sup> O termo corresponde a um código de emergência em acidentes aéreos. De acordo com o romance, origina-se da expressão francesa “M’aidez” (me ajude).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O conto da aia*, romance escrito em 1985, explicita em sua narrativa a existência dos discursos contemporâneos em que o processo de dessecularização da religião passa a afetar e ganhar influência nas várias esferas da vida social. Nesse sentido, o contexto da personagem principal e narradora, Offred, alerta para um mundo dominado por fundamentalistas religiosos, sob a égide do poder totalitário. Rejeitando a perspectiva de que escreve uma “ficção científica”, Atwood chama a atenção para as configurações políticas do mundo contemporâneo, na tensão entre conquistas feministas e a ameaça de retrocessos, em nome de ideais conservadores.

Como pretendemos mostrar, a análise dos aspectos religiosos e totalitarismos a partir do viés da atualização do regime de programação apontam para o controle dos corpos, defendendo que uma sociedade democrática pode tornar-se um Estado totalitário de base teocrática, no qual Igreja e Estado estão indissociados.

Há muitos aspectos que poderiam ser considerados na análise do romance de Atwood, e, nesse sentido, optamos por priorizar a dimensão propriamente política, para isso mobilizando os conceitos de programação, sujeito operador, manipulação e papel temático. Há, no romance, uma transição entre regimes de manipulação e programação. A manipulação se faz pela urgência de controle ideológico, exercido, sobretudo pelas Tias, espécies de educadoras, que submetem as aias a intensa doutrinação. As práticas relacionadas ao “Salvamento”, quando são expostos os corpos dos dissidentes assassinados como exemplo para coibir novos rebeldes serve aos propósitos de uma manipulação por intimidação (GREIMAS; COURTÉS, 2008). Dados as diferentes estratégias e intimidação e controle, organiza-se a sociedade regida pelo princípio do regime de programação (LANDOWSKI, 2014).

Na primeira parte de *O Conto da aia*, Margaret Atwood com sua escrita especulativa, reconstrói a partir da República de Gilead as características do discurso patriarcal presentes no mundo contemporâneo e mostra a partir da visão da personagem Offred, colocada como parte da primeira geração de aias, a transição entre um regime democrático para um estado totalitário, em que aproxima o leitor de seu próprio tempo, fazendo com que repense criticamente em suas referências das bases democráticas.

Na segunda parte, *Notas históricas* o discurso patriarcal permanece, ao adotar como personagem um homem que refurta a autenticidade do relato de Offred, colocando-se como



figura superior e que julga como excessivo a perspectiva feminina, passional e subjetiva, menosprezando o estado de opressão que a personagem descreve.

Portanto, *O Conto da aia* ao mesmo tempo em que corrobora com a reflexão sobre o momento político atual, ainda alerta sobre o futuro que estamos construindo a partir de uma sociedade patriarcal e opressora. Ao mesmo passo, demonstra a necessidade de debatermos sobre as desigualdades de gênero e da necessidade de tornar as relações igualitárias.

## REFERÊNCIAS

- ARENTDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ATWOOD, Margaret Eleanor. **O conto da aia**. 1º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ATWOOD, Margaret (2011). **Awards and recognitions**. Disponível em: <<http://margaretatwood.ca/awards-recognitions/>>. Acesso em: 17 de out. 2019.
- ATWOOD, Margaret (2011). **Biography**. Disponível em: <<http://margaretatwood.ca/biography/>>. Acesso em: 17 de out. 2019.
- ATWOOD, Margaret. **In other worlds: sf and the human imagination**. New York: Nan A. Talese, 2011.
- ATWOOD, M. Margaret Atwood on what ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump. **The New York Times**, 10 de March 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>>. Acesso em: 17 de out. 2019.
- BARBOSA, Bhryan Gama. **Dessecularização e humor: uma análise social sobre a reação cristã às esquetes do porta dos fundos**. 2019. 63f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Tocantins.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Estudos do discurso**. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida** 4. ed. São Paulo; DIFEL, 1970.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EdUSC, 2003.
- BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. In: *The Desecularization of the World: Resurgent Religion and World Politics*, 1999 The Ethics and Public Policy Center/ Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, MI, USA, 2000
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários**, Araraquara, n. 10, p. 11 – 27, 1996.
- CAMPELLO, Eliane. **A visão distópica de Atwood na literatura e no cinema**. *Interfaces Brasil/ Canadá*, Belo Horizonte, V.1, N.3,2003.

CISNE, Mirla. **Feminismo, Luta de Classes e Consciência Militante Feminista no Brasil**. Tese de doutorado em Serviço Social defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro: UERJ, 2013. 409 f.

DELPHY, Christiane. **Patriarcado**. In: Hirata, Helena (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DIP, Andrea; DOLCE, Julia; MACIEL, Alice. Mulheres virtuosas. **Publica**, ano 8, São Paulo, 21 mai. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/05/mulheres-virtuosas/>. Acesso em 21 mai. 2019.

Em vídeo, Edir Macedo diz que proibiu as filhas de estudarem antes de casar. **UOL**, 24 de set. 2019. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/24/edir-macedo-diz-que-so-deixou-filhas-fazerem-faculdade-apos-casamento.htm>>. Acesso em 23 de out. 2019

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. p.225.

FERREIRA, Vítor Vieira. **O bom lugar, o futuro catastrófico, ficção científica e algumas distopias brasileiras**. 2015. 196 f. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras / Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: editora Ética, 1998. 84 p..

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Revista D.E.L.T.A.**, v. 15, n. 1, p.177-207, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

FRIEDRICH, C. A, BREZINSKI, Z. K. **Totalitarian dictatorship and autocracy**. Havard University Press, 1965.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Veja, s/d.

GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Barbosa Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

INGERSSOL, Earl G. **Margaret Atwood: conversations**. Princeton: Ontario Review Press, 1990.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1996

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva.- São Paulo: Estação das Letras e Cores :Centro de pesquisas sociosemiótica, 2014.

LANDOWSKI, Eric. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galaxia** (São Paulo, *Online*), n.27,p.10-20, jun,2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou a polêmica em torno da ilusão). 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2002.

LIMA, Paula Bastos de. **A representação da mulher em O conto da aia**: a influência da cultura patriarcal na percepção da mulher. 2017. 33f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. **REV. UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1-2, p. 40-59, 2017.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.221p.

MENDES, Conrado Moreira. **Da linguística estrutural à Semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico**. Raído, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 173-193, jan./jun. 2011.

MERÇON, Francisco Elias Simão. Considerações acerca da figuratividade e da percepção. **Estudos Semióticos**. Dietrich.n,4, São Paulo, 2008. Disponível em :<<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>. Acesso em : 15 de nov. 2019.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hurbner, Heloisa Jahn; posfácios Erich Fromm, Ben Pimlott , Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 414p.

PEDRO, Joana Maria. As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio - século XX. In. MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale**. 2015. 131 f. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Humanas: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. 2015.

SAFFIOTI, Heleith I.B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleith I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. **Por uma semiótica do vivido**: entrevista com o sociosemioticista Eric Landowski. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v.12, n.1, 2014, p. 345-361.

SCOTT, Joan. **Gender**: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989

THOMAS, P. L. **Science fiction and speculative fiction**: challenging genre. Greenville, SC, USA: Furman University, 2013.

